

1ª Edição, 1ª Reimpressão

Programa de Formação da CNTE

Um novo conceito de atuação sindical • Fascículo 1

Os caminhos do "Pensar" para quem quer transformação

Fundamentos de Filosofia



Luiz Augusto Passos

CNTE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil

ESFORCE
ESCOLA DE FORMAÇÃO DA CNTE

Läraryörbundet
SINDICATO DE EDUCADORES DA SUECIA

Eixo 2 Formação de Dirigentes Sindicais

Programa de Formação da CNTE
Um novo conceito de atuação sindical

Eixo 2 - Fascículo 1

Fundamentos de Filosofia

Os caminhos do “Pensar” para quem quer transformação

Luiz Augusto Passos

3ª Edição, 1ª Reimpressão

Brasília, DF
CNTE/ESFORCE
2014

© 2014 CNTE

Qualquer parte deste caderno pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <http://cn.te.org.br/index.php/secretarias/formacao.html>

Coordenação: Gilmar Soares Ferreira - Secretário de Formação
Helena Araújo Filho - Secretário de Assuntos Educacionais

Secretaria da Escola de Formação (Esforce): Cristina S. de Almeida

Projeto Editorial e Gráfico: Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC)

Diagramação/Produção Gráfica: Daniel Costa

Ilustrações: Latuff

1ª Edição: 2008

1ª Edição – 1ª Reimpressão: 2014

Os grifos, destaques, ênfases e todos os recursos de diagramação são de responsabilidade exclusiva da atividade de diagramação. Foram usadas com o objetivo de tornar o texto mais atrativo à leitura.

*Esta publicação obedece às regras do Novo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa.
Foi feito depósito legal.*

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Passos, Luiz Augusto.

Fundamentos de Filosofia: os caminhos do “Pensar” para quem quer transformação / Luiz Augusto Passos. -- 1ª ed., 1ª reimp. -- Brasília/DF: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, 2014.

100 p. -- (Formação de Dirigentes Sindicais, Eixo 2, Fascículo 1)

Programa de formação da CNTE: um novo conceito de atuação sindical

1. Educação Sindical. 2. Formação Sindical. 3. Política de Formação, Sindicalismo. 4. Filosofia. I. Título. II. Série. III. CNTE.

CDU: 101(07)

Bibliotecária: Cristina S. de Almeida CRB 1/1817

Gestão 2014/2017

Direção Executiva da CNTE

Presidente

Roberto Franklin de Leão (SP)

Vice-Presidente

Milton Canuto de Almeida (AL)

Secretário de Finanças

Antonio de Lisboa Amancio Vale (DF)

Secretária Geral

Marta Vanelli (SC)

Secretária de Relações Internacionais

Fátima Aparecida da Silva (MS)

Secretário de Assuntos Educacionais

Heleno Manoel Gomes de Araújo Filho (PE)

Secretário de Imprensa e Divulgação

Joel de Almeida Santos (SE)

Secretário de Política Sindical (licenciado)

Rui Oliveira (BA)

Secretário de Formação (licenciado)

Gilmar Soares Ferreira (MT)

Secretária de Organização

Marilda de Abreu Araújo (MG)

Secretário de Políticas Sociais

Antonio Marcos Rodrigues Gonçalves (PR)

Secretária de Relações de Gênero

Isis Tavares Neves (AM)

Secretário de Aposentados e Assuntos Previdenciários

Joaquim Juscelino Linares Cunha (CE)

Secretário de Assuntos Jurídicos e Legislativos

Francisco de Assis Silva (RN)

Secretária de Saúde dos(as) Trabalhadores(as) em Educação

Maria Antonieta da Trindade (PE)

Secretária de Assuntos Municipais

Selene Barboza Michielin Rodrigues (RS)

Secretário de Direitos Humanos

José Carlos Bueno do Prado - Zezinho (SP)

Secretário de Funcionários

Edmilson Ramos Camargos (DF)

Secretária de Combate ao Racismo

Iêda Leal de Souza (GO)

Secretária Executiva (licenciada)

Claudir Mata Magalhães de Sales (RO)

Secretário Executivo

Marco Antonio Soares (SP)

Secretário Executivo

Cleiton Gomes da Silva (SP)

Secretária Executiva

Maria Madalena Alexandre Alcântara (ES)

Secretária Executiva

Paulina Pereira Silva de Almeida (PI)

Secretário Executivo

Alvisio Jacó Ely (SC)

Secretária Executiva

Rosana Souza do Nascimento (AC)

Secretária Executiva

Candida Beatriz Rossetto (RS)

Secretário Executivo

José Valdivino de Moraes (PR)

Secretária Executiva

Lirani Maria Franco (PR)

Secretária Executiva

Berenice D'Arc Jacinto (DF)

Secretário Executivo (licenciado)

Antonio Júlio Gomes Pinheiro (MA)

SUPLENTES

Beatriz da Silva Cerqueira (MG)

Carlos Lima Furtado (TO)

Elson Simões de Paiva (RJ)

Francisca Pereira da Rocha Seixas (SP)

João Alexandrino de Oliveira (PE)

Maria da Penha Araújo (João Pessoa/PB)

Marilene dos Santos Betros (BA)

Miguel Salustiano de Lima (RN)

Nelson Luis Gimenes Galvão (São Paulo/SP)

Rosilene Correa Lima SINPRO (DF)

Ruth Oliveira Tavares Brochado (DF)

Suzane Barros Acosta (Rio Grande/RS)

Veroni Salete Del'Re (PR)

CONSELHO FISCAL - TITULARES

José Teixeira da Silva (RN)

Ana Cristina Fonseca Guilherme da Silva (CE)

Flávio Bezerra da Silva (RR)

Antonia Benedita Pereira Costa (MA)

Gilberto Cruz Araujo (PB)

CONSELHO FISCAL - SUPLENTES

Rosimar do Prado Carvalho (MG)

João Correia da Silva (PI)

João Marcos de Lima (SP)

Coordenador do DESPE: Mário Sérgio Ferreira de Souza (PR)

CNTE

SDS Ed. Venâncio III, salas 101/106, Asa Sul, CEP: 70.393-902, Brasília-DF, Brasil.

Telefone: + 55 (61) 3225-1003 Fax: + 55 (61) 3225-2685 E-mail: cnte@cnte.org.br » www.cnte.org.br

48 Entidades Filiadas à CNTE

SINTEAC/AC - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Acre
SINTEAL/AL - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Alagoas
SINTEAM/AM - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Amazonas
SINSEPEAP/AP - Sindicato dos Servidores Públicos em Educação do Amapá
APLB/BA - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado da Bahia
ASPROLF/BA - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Lauro de Freitas
SIMMP/BA - Sindicato do Magistério Municipal Público de Vitória da Conquista
SISE/BA - Sindicato dos Servidores em Educação no Município de Campo Formoso
SISPEC/BA - Sindicato dos Professores da Rede Pública Municipal de Camaçari
APEOC/CE - Associação dos Professores de Estabelecimentos Oficiais do Ceará
SINDIUTE/CE - Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação do Ceará
SAE/DF - Sindicato dos Auxiliares de Administração Escolar no Distrito Federal
SINPRO/DF - Sindicato dos Professores no Distrito Federal
SINDIUPES/ES - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo
SINTEGO/GO - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás
SINPROEEMMA/MA - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica das Redes Públicas Estadual e Municipais do Estado do Maranhão
SINTERPUM/MA - Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Timon/MA
Sind-UTE/MG - Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais
FETEMS/MS - Federação dos Trabalhadores em Educação de Mato Grosso do Sul
SINTEP/MT - Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público de Mato Grosso
SINTEPP/PA - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Pará
SINTEM/PB - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Município de João Pessoa
SINTEP/PB - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado da Paraíba
SIMPERE/PE - Sindicato Municipal dos Profissionais de Ensino da Rede Oficial de Recife
SINPC/PE - Sindicato dos Professores do Município do Cabo de Santo Agostinho
SINPMOL/PE - Sindicato dos Professores da Rede Municipal de Olinda
SINPROJA/PE - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Município do Jaboatão dos Guararapes
SINTEPE/PE - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco
SINPROSUL/PI - Sindicato dos Professores Municipais do Extremo Sul do Piauí
SINTE/PI - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica Pública do Piauí
APP/PR - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná
SISMMAC/PR - Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba
SISMMAR/PR - Sindicato Dos Servidores do Magistério Municipal de Araucária
SINTE/RN - Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública do Rio Grande do Norte
SINTERO/RO - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Rondônia
SINTER/RR - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Roraima
APMI/RS - Sindicato dos Professores da Rede Pública de Ijuí
CPERS/RS - Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul - Sindicato dos Trabalhadores em Educação
SINPROCAN/RS - Sindicato dos Professores Municipais de Canoas
SINPROSM/RS - Sindicato dos Professores Municipais de Santa Maria
SINTERG/RS - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Rio Grande
SINTE/SC - Sind. dos Trab. em Educação da Rede Pública de Ensino do Estado de Santa Catarina
SINDIPEMA/SE - Sindicato dos Profissionais de Ensino do Município de Aracaju
SINTESE/SE - Sind. dos Trab. em Educação Básica da Rede Oficial de Sergipe
AFUSE/SP - Sindicato dos Funcionários e Servidores da Educação
APEOESP/SP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
SINPEEM/SP - Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo
SINTET/TO - Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado do Tocantins

ÍNDICE

●	Apresentação	07
1	A filosofia, o que é?	09
2	Platão: As lições da alegoria da caverna - olhar crítico por sobre as aparências	15
3	Epicuro: Uma educação para a alegria	23
4	Thomas Morus: Utopia e projetos - uma educação radical para a intervenção	31
5	I. Kant: Da dependência para a autonomia - educação como prática da liberdade	37
6	Hegel: O desejo do desejo	43
7	Marx: Não trabalhamos porque somos humanos, somos humanos porque trabalhamos	49
8	Lévinas: Educar na perspectiva das diferenças e da outreidade	55
9	Merleau-Ponty: A palavra que corporifica o mundo e antecede o pensamento	61
10	Jean Paul Sartre: Dos covardes e safados à solidão solidária	67
11	Há muitas lógicas na nossa vã filosofia	75
12	A (In)explicável invisibilidade das mulheres na filosofia ocidental	83
●	Conclusão: Afinal, para que filosofia?	93

Mensagem da CNTE

**“Há mais coisas entre o céu e a terra,
do que supõe a nossa vã filosofia” (PASCAL)**

O caderno *Introdução à Filosofia* é o primeiro do Eixo II do Programa de Formação da CNTE.

Esse é um tema que nos desafia porque possibilita uma reflexão que vai à raiz de diversas questões enfrentadas pela humanidade. Para o movimento sindical e, especificamente, para os trabalhadores na educação, a filosofia é tema fundamental, pois nos apresenta o “pensar” como a condição de ler para além do que está escrito. Ler nas entrelinhas, enfim, ver além das aparências.

Uma das condições do “Ser” dirigente sindical é não se limitar à visão do “aqui e agora” mas pensar de forma crítica a realidade levando em conta a necessidade de mudança.
“Não basta interpretar o mundo. O que importa é transformá-lo”.

Esse fascículo, como instrumento do pensar, nos possibilita não somente pensar o dito e o não dito, mas também re-pensar nossas filosofias, nossas compreensões e concepções de mundo, de sociedade e de política.

E, se nos discursos, “as palavras estão grávidas” de concepções de mundo, de sociedade, de alegria, de felicidade..., nosso desafio enquanto dirigentes sindicais é então, compreender o alcance de nossos discursos.

Re-pensar nossas palavras será condição para **re-ler** e, se necessário, **re-ver** nossas concepções e práticas acerca do mundo e da sociedade.
Condição para que possamos **re-orientar** nossas opções de mundo, de sociedade e não corramos o vergonhoso risco de sermos felizes sozinhos.

Frente a um mundo que tudo transforma em mercadoria e lucro, que desestimula os ideais e a utopia de uma sociedade igualitária, socialista, este fascículo tem o objetivo de alimentar a compreensão de que a história não acabou, como já proclamado, que a luta de classes continua, e que é possível viver e lutar por outros valores que não os do individualismo e da competição.

**Afinal, “Sonho que se sonha só, pode ser pura ilusão,
Sonho que se sonha junto é sinal de solução.**

Então vamos sonhar companheiro e companheira, ... sonhar em mutirão.”

Apresentação

**Ninguém vive sem filosofia. Menos ainda educadores.
Movidos a projetos, sonhos, opiniões, paixões, crenças, ciências, símbolos,
percepções, racionalidades e irracionalidades.**

Estudos voltados a compreender esse poço infinito
que é a cabeça e o coração de homens e mulheres sofisticaram de tal forma
investimentos financeiros e tecnológicos para chegar ao anti-resultado
aéreo e estapafúrdio:

“tá tudo dominado!”. - Não está!

Foi completamente inútil o investimento na exploração e dominação? Não.
É que a vida e a liberdade se rebelam nas correntes e nos grilhões.

Um reduto de rebeldia, marca a fogo a pele da humanidade:
de-cisão, ruptura, Liberdade!

A completa dominação é um jogo ambíguo, por vezes aparente,
uma demonstração coreográfica e pirotécnica.

Sobreviverá o humano e o desumano nos gullags.

Será sempre possível, **por** e **na** filosofia, um ser humano determinar-se a **SER**,
Se a vida fosse proibida; sozinhos, - como o poeta em fúria - levantar-se-iam todos,
contra a determinação:

“Querem-me aqui todos mal. E eu quero mal a tantos.

Eles e eu, por tal motivo, nos pagamos tal por qual.

E eu, querendo mal a quantos que me tem ódio veemente,
o meu ódio é mais valente: pois sou só, e eles são tantos!...” (Gregório de Mattos Guerra)

**Se necessário, alguém emprestaria a demência dos loucos,
a poesia dos bêbados, a teimosia dos fanáticos,
a ousadia de Prometeu e diria: “Não!”
Não nos subornarão com pão, vivemos também de profecias,
e o profeta antecipa alvoradas e utopias,
esquadrinha as opressões e toma sob seu próprio corpo
e nele modela a filosofia viva.
Muda ele próprio.
Contamina o seu tempo e, por isso, nunca estará só!**

Afinal de contas, disse Kant, a criancinha ensaiará desde os primeiros anos o retorno aos seus vagidos primais. Ao contradizerem-na, encolher-se-á, enroscada e arrastada, buscando experimentar e treinar sua humanidade livre.

Em outro lugar, disse poeticamente Kant:

“O homem é o único mamífero que chora ao nascer. Ele protesta por não ter sido consultado, de que se dispusesse dos seus membros, para trazê-lo ao mundo.”

O mesmo Kant dissera, ainda, que uma criança não se torna bípede e fica em pé, por destino da natureza, mas por uma decisão da vontade, a de não andar de rastro...

O “levantamento” da condição de natureza dos humanos, destinados a serem quadrúpedes, só existiu quando a opção do cérebro inventou um caminho além da natureza e estabeleceu o império da cultura, escorado sob uma boa ou má filosofia. Educadores e Educadoras vamos nos aventurar no confronto de nossas filosofias com outras.

**Estas páginas não contêm “a” filosofia.
É uma delas!**

Merleau-Ponty dissera que toda a filosofia preocupada com a política é uma má filosofia. Quiçá o seja. Quero justificá-la. Esta quer ser uma Filosofia à luz da América Latina:

do protesto, da rebeldia, da revolução, muito além de uma filosofia natural e politicamente neutra – se é que algum dia existiu alguma!

É **autopoiésis-com** - fazer-se a si mesmo na comunhão dos que lutam.

**Dizem que a violência do rio vem das margens que o oprimem.
Toda a vida é irrequieta, *historiadora* e instauradora de uma sociedade
libertária e amorosa.**

Faz noite, agora?

É hora, então, do pássaro de Minerva – da filosofia - levantar vôo...

Luiz Augusto Passos
Cuiabá, 11 de Fevereiro de 2008

TEMA 1

A filosofia, o que é?

A missão do filósofo é pensar o seu tempo.

(Martin Heidegger)

1 A filosofia, o que é?

A filosofia é procurar um gato preto, num quarto escuro onde ele não está.

(Coelho Neto)

A filosofia sempre foi uma interrogação das coisas essenciais da vida: quem somos, para onde vamos, de onde viemos e qual o caminho e a chave da felicidade humana. Os gregos, buscaram responder estas questões, a partir da vida vivida, sem recorrer aos mitos e aos deuses. Não há por isso a filosofia, há filosofias. Os caminhos são muitos. Muitas são as maneiras de configurar

os dados da nossa experiência de vida e emprestar-lhes um sentido.

Há aquelas filosofias que inclusive negam tudo, com receio de pedir emprestado qualquer salva-vidas; apostam no NADA, fazem do nada seu sentido - posição filosófica que se chama niilista [nihil(ismo) do latim: nada]!

Será uma escolha possível.

A filosofia é aquilo com a qual, ou sem a qual, o mundo continua tal e qual.

(Monteiro Lobato)

Marx, certa ocasião, ironicamente dizia que, a gente joga “a filosofia pela porta, e ela entra pela janela”.
Essa coisa pegajosa que se cola à alma e ao pensamento humano.

“É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível”.

(Paulo Freire. *Pedagogia da Autonomia*. 2000, p. 24.)

Há grandes ambientes filosóficos na vida dos seres humanos no mundo:

o **conhecimento** que fazemos, a **moral** que construímos e nos dirige,
as **ações** que realizamos.

Três gonzos se articulam e seguram a filosofia:

CONHECIMENTO, VALORES e AÇÃO.

Sempre que buscamos a verdade, **conhecer**, compreender, analisar, temos pelo menos hipóteses filosóficas ou formas de interpretação acerca do nosso conhecimento do e por sobre o mundo: estamos no campo da filosofia chamado teoria do conhecimento ou epistemologia, que dirige nossos valores e ações. **Da concepção de mundo segue comportamento e ação.**

Sempre que julgamos em base de valores, escolhemos um caminho, e rejeitamos outros, nos

conduzimos pelas balizas feita por nós, em diálogo com nosso grupo, nossa etnia, nossa civilização. Estamos no campo da **ética**, da moral, campo da axiologia (campo dos valores) regulado pelas filosofias.

Ao realizar uma **ação**, uma prática concreta, um projeto político, processos educacionais que criam pessoas, estamos no *habitat* da filosofia, o campo da praxiologia (agir e pensar o que se fez, para um novo agir).

A filosofia tem como missão PRO-VOCAR e CON-VOCAR.

Pro-vocar é chamar de fora; **con-vocar** é chamar de dentro. Provação e convocação, para juntar-se à luta de todos os outros e outras. Não é que a filosofia seja por si mesma um instrumento para a guerra.

O contexto histórico que a circunscreve lhe dirá qual papel lhe cabe representar para garantir a formação da pessoa, seu melhor entendimento de si, dos outros e do mundo; e, qual poderá ser o sentido de suas escolhas e ação no agora.

Estamos numa batalha, não se ganhará a luta

só. Neste contexto a filosofia é uma aliada à luta dos educadores no contexto da violência, expropriação de direitos, formulação de políticas públicas.

Neste contexto, a filosofia é sim arma imprescindível para qualificar pessoas para a luta em favor da mesma grande perseguição dos primeiros homens e mulheres que pensaram filosoficamente o mundo:

o projeto humano de construir a felicidade pessoal e coletiva de todos e todas!

“O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo”

(Paulo Freire, *Pedagogia da Indignação* p. 27.)

Filósofos, todos somos, porque **pensamos epistemologia**,
instituímos por **valores axiologia**
e empreendemos **ações** que, com outros,
produzem a nós, outros e outras e o mundo **praxiologia**.

“A Filosofia deixa tudo como está”

(Ludwig Wittgenstein)

Filosofia se *faz* na vida. Pode, até, ser uma investigação, mas terá de ser sempre vida.

Dize-me como fazes, porque e para que, e eu te direi que filosofia te inspira.

Quando descobrimos algumas coisas novas, algum poeta (Freud) e, sobretudo, algum filósofo, já

andou por lá.

É por isso que temos muito a aprender conversando com os outros, com outras filosofias, sabendo ouvir e aprendendo sempre.

Porque nada somos sós. Somos, em comunhão, e através das lutas.

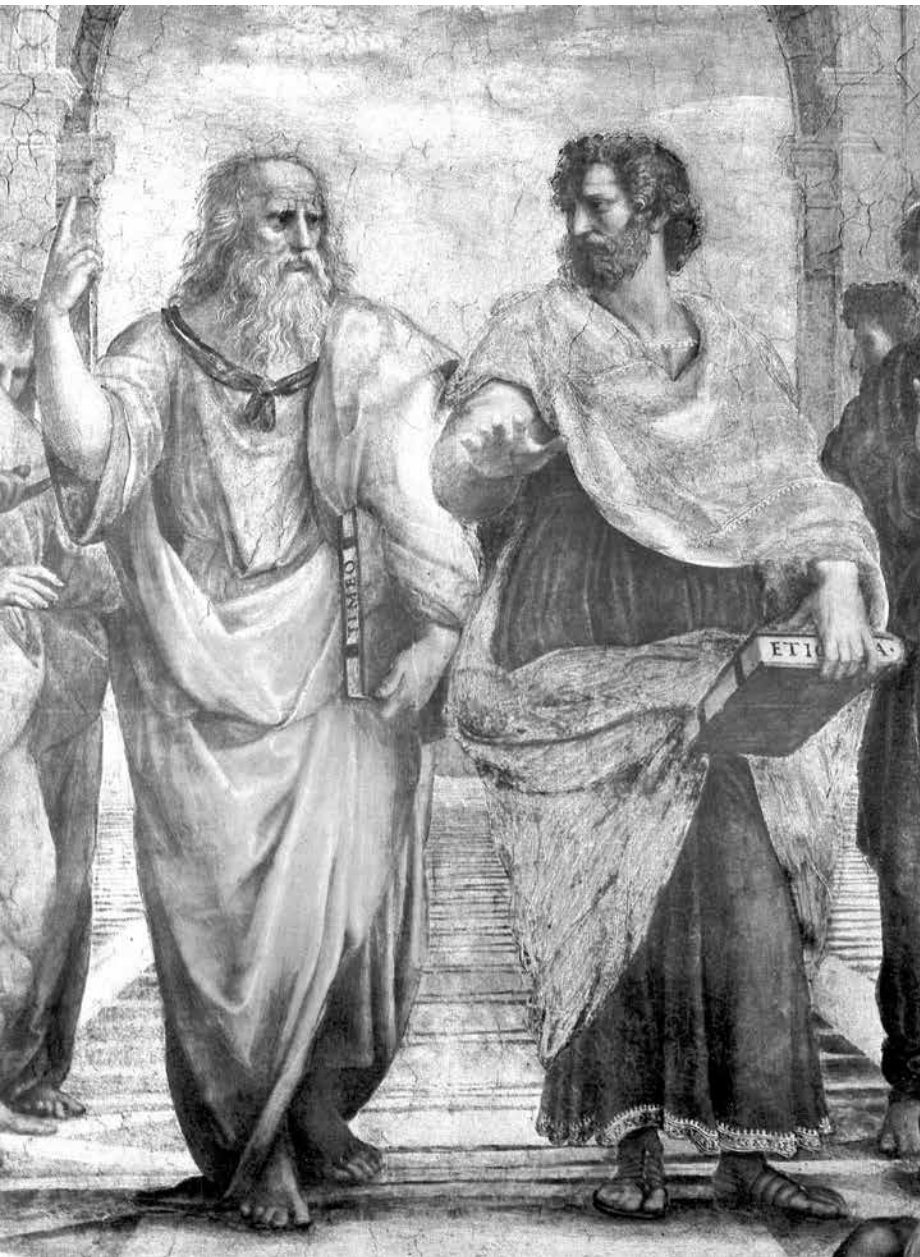
“Tal como o entendi e vivi, a filosofia é a vida voluntária no gelo e nos cimos – procura de tudo o que é avesso e questionável no existir, de tudo o que a moral até agora banuiu...”

(Nietzsche)

Que é, pois, *Filosofia*?

É a busca de reflexão intencionada, de um pensamento que se pensa a si próprio e se confronta com todos os outros pensamentos, em busca de melhor compreender, de melhor eleger valores, de posicionar-se num mundo complexo e conflitivo. É busca da transformação

desse próprio mundo, sabendo que a felicidade pessoal desejada inclui, necessariamente, a felicidade de todos os demais. Filosofia será sempre luta, num contexto de hegemonia da mesmidade, reprodução, acomodação, subserviência e dominação.



“Filosofar, assim, se impõe não como puro encanto mas, como espanto diante do mundo, diante das coisas, da História que precisa ser compreendida ao ser vivida no jogo em que, ao fazê-la, somos por ela feitos e refeitos”.

(Paulo Freire,
Pedagogia da Indignação,
2000, p. 46.)

As lições de Camus:

“A peste varria a ilha. Morriam no desespero muitos, que não tinham encontrado sentido para a vida, menos ainda para a morte antecipada. Rieux era um cético feliz. Contentava-se com o destino traçado de suas escolhas. Deixara de lado muitas ambições para viver intensamente o cotidiano. As embarcações, com a notícia de morticínio, multiplicavam viagens para o continente onde não havia notícia de um único contaminado. A ilha estava sitiada. Sua passagem estava em seu bolso, era o passaporte para a continuação de sua vida, em outro lugar, longe da dor e da morte precoce. Estava inquieto. Seria a melhor opção, salvar-se? Contaram-lhe a história de muitos que morriam no desespero, com medo da morte, aterrorizados com o que iriam passar. Voltava-lhe uma tentação: “Se vejo a morte com naturalidade, não tenho medo, poderia quem sabe ajudar a passagem daqueles que a temem, será justo partir? Tomou na mão, com medo mas com intensa felicidade, e destruiu seu passe para a vida. Sabia que estava certo. Afinal de contas, disse alto para si:
- É vergonhoso a gente se sentir feliz sozinho!”

(*A Peste* Romance do Filósofo argelino Albert Camus; 1923-1961)

QUESTÕES PARA O DEBATE

1

Que tipo de filosofia parece-lhe que deveria orientar o projeto e a vida dos educadores? Justifique.

2

A filosofia que orienta a sua vida cotidiana, coincide em alguns pontos com esta visão filosófica. Por quê?

3

Educadores precisam, gerar ações contra-hegemônicas, e, testemunhar a esperança (Freire), e em “A Peste”, Albert Camus, sugere, uma fidelidade ética com a vida, num contexto de morte. Comente.

TEMA 2

PLATÃO: As lições da alegoria da caverna

Olhar crítico por entre as aparências

Nem tudo que reluz é ouro!

“Se a realidade fosse transparente não teria sido necessária a ciência”

(Karl Marx)

2 As lições da alegoria da caverna

A questão: Os sentidos nos enganam.

Meu filho, Matheus Aurélio, olhava os automóveis passando ao lado do nosso. Dizia: -"Você viu que a roda vai para frente e parece estar rodando para trás?"
- Sem esperar resposta, concluiu - "Ela está sempre correndo para frente. É só a imagem dela que vai prá trás, no nosso olho. Parece, mas não é!"



**A cultura capitalista se serve disso.
Vivemos na sociedade das aparências.**

A cultura propaga, pelos *outdoors*, telões, jingles querendo convencer a todos e todas do valor dos objetos pelo tamanho que eles possuem, pelo poder, pela beleza, pelo brilho, pela atração, pela aparente verdade, pela magia, da imprescindível necessidade de, para sermos felizes, tê-los sob nosso domínio. É necessário bebermos

a cerveja mais ousada; usarmos o jeans mais livre; o carro mais sagrado; a pílula mais eficaz, o dentifício mais refrescante, e, o perfume mais saliente e sedutor. O *marketing*, segundo Arturo Paoli, chega a usar a lateral de um edifício de 15 andares para desenhar uma pilulazinha de poucos milímetros contra prisão de ventre. Haja poder!

A sociedade do “Mais”

Busca-se o mais intenso, cheiroso, redondo, gostoso, prazeroso, saciante: a sociedade da plenitude. Por outro lado, quando o vazio e o tédio tomam conta, as pessoas usam a linguagem esclarecedora: “Estou cheio da vida”. Por vezes, esta expressão precede o suicídio. Lacan diria que é o excesso, a posse de tudo, que leva à loucura e à morte.

A falta e a perda não leva ao sucídio, ainda que cause sofrimento. Ao dizer-nos faltantes, incompletos estamos dentro do princípio da realidade, da verdade íntima sobre nós mesmos. Ao dizer-nos plenos, saciados: estamos acreditando que é real a ilusão que saboreamos

no princípio do prazer – estamos, neste caso, completamente loucos.

Na verdade, a sociedade da miséria, da fome, da exclusão, da violência real e simbólica, do racismo, da xenofobia, do extermínio precisa acenar-nos com a ilusão, para vivermos no desejo o que ela não pode dar.

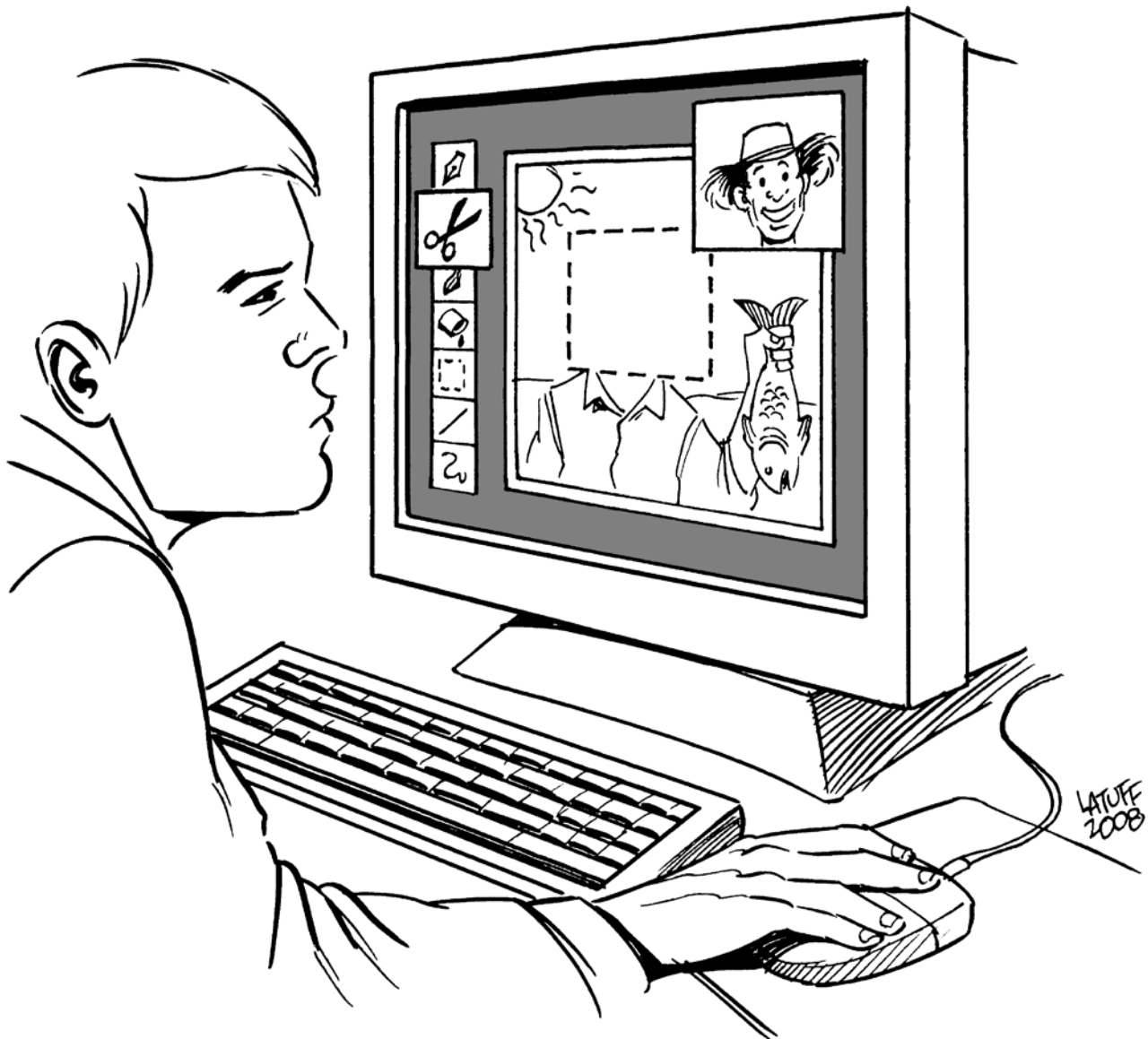
Adorno, filósofo ligado à escola alemã de Frankfurt, insiste que os meios de comunicação, via propaganda, repressivamente, acenam para o que está interdito, o carro veloz, a mulher desejada, a roupa que conduz ao reconhecimento, a bebida que gera liberdade, o sabonete que nos torna sedutores.

Politicamente...

a sociedade se conduz da mesma forma

A propaganda eleitoral convence-nos da força moral do candidato, de sua argúcia, de sua coragem na solução dos problemas tão óbvios, os quais sequer são enxergados por eles quando no poder, nada do que antes foi anunciado, muda.

Uma sociedade retocada a cada milímetro,
obra da tecnologia dos Photoshop,
produtos da arquitetura da informática;
sociedade que se expressa no descartável, no celulóide,
no papelão, no papel machê, no isopor,
é muito difícil saber a diferença entre o real e o fictício,
entre o objeto empírico e sua imagem virtual.
A diferença entre o que simula,
o que aparenta e o que de fato é real.



Por fora, bela viola, por dentro, pão bolorento!

No alegoria da caverna, encontrada no livro 7º da *República* de Platão, escrita no século IV A. C., talvez figurando o pensamento de Sócrates seu mestre, Platão considerava a melhor contribuição da filosofia, distinguir entre o aparente e sua essência, e portanto permitir conhecer o que está por trás das aparências nos fenômenos.

Conta a **alegoria da caverna** que havia um grupo de pessoas acorrentadas em uma fenda profunda. Estas pessoas representam, para Platão, a condição de todo e qualquer mulher ou homem: condição da humanidade de cada um. Eles apenas contemplavam aquilo que era, para eles, a única realidade: sombras dos seres reais que projetadas de fora da caverna, pela luz do sol, que imprimiam silhuetas inquietas e moventes sobre o imenso

paredão que se alevantava à sua frente.

Os acorrentados davam nome às sombras, “cão”, “cavalo”, “homem”, “mulher”... E, tinham uma lenda. Aqueles que se aventurassem, - e poucos fizeram -, ao sair da caverna, enlouqueciam. Inda assim, um homem jovem decidiu que escalaria o paredão, queria ver outras coisas, se houvesse. Ninguém conseguiu dissuadi-lo. Ele defrontou-se com a luz do sol, ficou cego. Levou muito tempo para que os olhos se acostumassem à luz. Começou então a compreender o que se passava. E ao ver que da caverna não se contemplavam senão sombras, correu para os companheiros numa extraordinária euforia: “São falsas... São falsas as coisas que vocês vêem!” Os companheiros o amarraram - confirmara-se a desgraça. Ficara perigosamente louco, concluíram.

Historinha do Evangelho:

Jesus conta que havia um homem que distribuiu moedas para que seus servos, cuidando delas, as multiplicassem. Quando voltou da viagem, dois foram recompensados porque foram “fiéis e bons” naquela tarefa. Receberam governos sobre cidades. Um, entretanto, disse: - “Senhor, eu sabia que eras mau e severo... Tiras de onde não colocaste. Toma, o que me deste, está aí, é teu, enterrei-o para que não viesse a perder.” O homem disse ao servo: - “Teu olho é mau!...”

O centro do texto volta-se para a conclusão:

**O servo medira o homem temido por ele
com os seus próprios olhos...**

O caminho da verdade: reminiscência

**Para Platão,
viemos de um mundo pré-existente
onde éramos idéias, espíritos.**

Ao nos encarnar, descemos sobre o lago Lete (esquecimento), de forma que nossa existência no mundo (no magma, na matéria) vela nossa origem. É necessário uma via ascética no interior de si mesmo, para sintonizar por meio da reminiscência (nossa me-

mória), o mundo real das essências no Mundo das Idéias (Topos Noetos).

Os filósofos são aqueles que - por um movimento radical de crítica à aparência material, magmática, do ser - “vêem” as essências interiores e espirituais, driblando aquilo que enxergamos e que nos toca, a aparência material que oculta e embaça a verdade do ser.

Por isso, os filósofos deveriam ser também os governantes, segundo Platão, porque possuiriam a verdade da condição humana, ultrapassando a ditadura da aparência.

Muitas situações se repetem na educação.

Uma escola reproduz a família. Um cursinho fabrica gênios.

Uma cultura da aparência esconde o seu contrário.

**Um currículo oculto e eficaz, determina a direção de processos,
como se eles fossem o grande objetivo da obra educacional.**

**Ouvimos, muitas vezes, dizer que
os professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem.**

O governo finge que a educação é prioridade.

**Os políticos fingem que respeitam a missão da instituição escolar,
sem utilizá-las para fins eleitorais.**

Os pais fingem que decidem a educação e os processos educacionais escolares.

Platão, pois, como filósofo desde o século IV A.C. continua nos estimulando a pensar os indivíduos, a sociedade, a república e os processos educacionais. Nos seus dias, compartilhava com Sócrates, seu mestre, denunciando a direção da educação dada pelos mais

velhos à juventude grega. A geração dos adultos levaria os jovens à corrupção e à falência da ética, da decência, da cidadania. Por isso, insistia que o centro de tudo era a Aretê – misto de perfeição e arte de alcançar um fim – isso é, a qualidade que faz qualquer virtude, virtuosa.

Canto: Mumúrio para minha cidade (Silva Freire)

Não, Cuiabá, não são as crianças que lhe sangram de agulhas envenenadas a veia jugular da vida...

Não são elas quem lhe entopem as flautas de respiração...

Quem enforca seu sono-sonho com gritos de – assalto!, não são suas crianças. Não são elas que poluem a convivência familiar de suas praças-sem-folgedos-de crianças...

Quem encaixota sua qualidade de vida, não são as crianças. Não são elas que estão garroteando seus santos de festas, suas lendas e mitos. As crianças não carnalham seu carnaval...

Quem ordenha suas tetas maternas, para traí-la depois, não são as crianças.

Elas só sabem amar sua bondade ferida. Não são as crianças que debicam de sua história-orgulho-nacional.

Quem entristece o poema sonoro que seu povo fala, não são as crianças.

Quem povoa de poluição sonora, verbal, escrita e visual seu espaço público, não são as crianças.

Quem desorganiza a higiene de seus rios, não são as crianças.

Não são elas que atijam fogo em seus limites de respeito coletivo.

As crianças não sabem da indústria da posse...

Não, Cuiabá, não são as crianças(...)



QUESTÕES PARA O DEBATE

OPTE PELO BLOCO DE PERGUNTAS QUE JULGAR MAIS SIGNIFICATIVO PARA VOCÊ:

A) Leia com atenção o informe acima sobre o poema

1

Compare este poema com a música de Chico Buarque, *O Brejo da Cruz*

2

Qual o futuro que esta sociedade aponta para as crianças?

B) Platão mostra a contradição entre a aparência dos fenômenos e a essência deles

1

Tudo conspira para não vermos o que está atrás dos bastidores e enxergarmos apenas o que interessa efetivamente: a dominação econômica, política e cultural. A mais importante tarefa da educação será a de distinguir entre as aparências e aquilo que é.

2

Conte experiências do dia-a-dia em que os sentidos lhe enganaram?

3

Nossos olhos são “bons” ou “maus”: o que eles enxergam, ordinariamente, e em primeiro lugar, nos outros? Não será que nos irrita o que os outros tem de mais semelhante com a gente mesmo?

4

Nas relações que estabeleço, como classe, tenho como hábito OUVIR? OU sempre “tenho a mesma antiga opinião formada sobre tudo”?

5

Com qual olhar enxergamos a realidade com vistas à transformação dela, só a aparência ou o que está oculto, sua essência?

TEMA 3

EPICURO: Uma Educação para a Alegria

“Até agora, a humanidade tem sido sempre educada para a guerra, nunca para a paz. Constantemente nos aturdem as orelhas com a afirmação de que se queremos a paz amanhã não teremos mais remédio a não ser fazer a guerra hoje. Não somos tão ingênuos para acreditar em uma paz eterna e universal, mas se os seres humanos têm sido capazes de criar, ao longo da história, belezas e maravilhas que todos nos dignificam e engrandecem, então é tempo de botar a mão na mais maravilhosa e charmosa de todas as tarefas: a incessante construção da paz”.

(José Saramago, na mobilização contra a guerra, em Madri)

3 Uma Educação para a Alegria

A Filosofia na antiga Grécia

Cercava um contraditório (pré)conceito da filosofia na Grécia que os filósofos eram rudes, revoltados e tristes.

Além disso, causavam escândalo. Por vezes, “anarquistas” ou anti-sociais; de outra ridicularizavam os deuses; desencaminhavam a juventude das melhores tradições; e, sobretudo, colocavam jovens e escravos entre aqueles que se rebelavam contra o ordem social ou contra a corrupção da sociedade. Confundiam o pensamento das pessoas com ilusões e mentiras como se elas fossem verdades e como se a verdade fosse ilusão.

Eram, por vezes, grosseiros e cínicos. Muitas vezes ‘céticos’ e irônicos.

Na verdade a filosofia na Grécia era polêmica nas questões que diziam respeito à política, ao poder, à república, à ética, à educação dos jovens.

Para além da Grécia, os filósofos foram incômodos, perseguidos, entregues a tribunais e à Inquisição, muitos mortos, executados, solicitando asilo em outros países. Suas obras queimadas, amaldiçoadas, proibidas.

É possível que a filosofia, hoje, seja completamente diferente daquela e se reconcilie inteiramente com o presente?

Vale a pena essa reconciliação? A que preço?

**“Ouça um bom conselho, eu não dou de graça,
Inútil dormir se a dor não passa.
Espere sentado ou você se cansa,
Está provado quem espera nunca alcança!”**

(Chico Buarque)

Será que toda filosofia era inútil e todos filósofos mal amados?

TODOS SOMOS FILÓSOFOS! – diria Gramsci.

Todos somos intelectuais nas nossas práticas cotidianas, avaliamos, pensamos, e com elas intervimos em nós, nos outros e no mundo.

Ainda, assim, podemos nos perguntar se a Filosofia que fazemos tem este perfil, de carregar em seu ventre a dúvida, a tensividade e a contestação.

Quem, na Grécia, achava a filosofia inoportuna?

Uma opinião isolada? O testemunho de pessoas de uma cultura específica? Uma “imprensa” ruim daquela época? Efetivamente, os filósofos serviam por vezes ao poder, por vezes aos injustiçados, por força de crenças por boa ou má verdade; muitos, a troco de dinheiro e poder, por vezes trocando tudo pela verdade e pela honra.

Sempre houve no campo do pensamento humano, concepções e práticas de natureza conflitiva. Este conflito pode vir menos da natureza da filosofia do que do tipo de objetivo que as pessoas utilizam para fazer e viver a filosofia, mas ela depende muito do mundo e da cultura onde as pessoas se situam, e, também das companhias que cercam os filósofos.

Diz-me com quem andas e eu te direi quem és!

Havia filósofos mantidos pelos tronos; filósofos ao lado dos hereges; filósofos que denunciavam outros filósofos; filósofos que trocavam sua vida pela verdade e pelos outros. Filósofos párias, filósofos boêmios, filósofos do dia (diaréticos), filósofos da noite (noturnos), boêmios. E as filosofias deles sustentavam verdades conflitivas. As filosofias tinham o rosto deles.

Havia, neste cenário, um filósofo feliz, reconci-

liado com a alegria: EPICURO.

Tinha seus defeitos como todos nós, mas tinha uma qualidade rara, concebia como imprescindível que os humanos, e todos eles, tivessem livre acesso a uma felicidade que poderia ser confeccionada por eles próprios. Nem os humanos, nem o mundo estavam prontos. O mundo seria o mundo que desejávamos e que nos dispuséssemos a construir.

Epicuro criou um espaço pedagógico para isso: o JARDIM!

- ✓ **O espaço de filosofar dos outros filósofos eram os espaços públicos da polis, pela qual saiam a caminhar.**
- ✓ **Utilizavam também a agora – espaço de debate coletivo, e mais tarde,**
- ✓ **a academia: espécie de escola para cultivo da arte de fazer humanidades.**

Epicuro tinha um território para filosofar muito distinto, o “Jardim”, lugar da liberdade, do pensamento livre, das flores, vinhos, canto, poesias, músicas, danças, de alguma

embriaguês e orgia moderada. É no espaço que tomamos e que nos toma que nos fazemos corpo, que nos fazemos gente, conforme o poeta “sem comparamentos”:



“Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela.”

(Manoel de Barros – *“Manoel por Manoel”*)

Conhecendo as dificuldades que a realidade oferece para o direito à alegria, Epicuro, orientava que se procurassem aqueles prazeres mais duradouros. Prazeres menos voláteis ou fúteis que respondam com sentido de felicidade aos sentidos e ao corpo, dêem prazer tornando o espírito leve.

Epicuro e os novos tempos

Na década de oitenta, um grande encontro de História, na cidade de São Paulo, realizou uma articulação com os principais filósofos e pensadores brasileiros, e o eixo principal era o tempo. Criou-se na ocasião uma rica contribuição interdisciplinar sobre o tempo e a história, retomando das fontes do passado e sua implicação com o presente e o

A alegria maior é aquela que proporciona certa estabilidade e longa duração.

Retomava de Aristóteles a ACMÉ, isto é, o ponto de justo equilíbrio entre a saúde biológica, afetiva, emocional e racional.

futuro da humanidade. Este encontro foi proposto e coordenado por Adalberto Novais.

Neste encontro emergiram algumas categorias que foram sendo criadas e, que após ele, passaram a se fazer presentes em todos os debates na cena econômico-política-cultural do país.

A inspiração para este evento foi buscada em dois pensadores que foram centrais para organização das temáticas do congresso:

Epicuro e Giordano Bruno

Epicuro era evocado para desmontar o pensamento prático, positivista, de eficácia tecnológica, denunciando os estratagemas da criação de necessidades artificiais e produtos supérfluos, e não naturais, cujo prazer não durava, porque respondia a um interesse imediato, sem dar a felicidade que nele estava prometida. Criava uma rede falsa de prazeres com o fito de roubar a felicidade à qual todo ser humano que retira dele a relação direta com a natureza, com o mundo e com os outros. Tratava-se ainda de dizer acerca da necessidade de vida simples e frugal mas centrada no cultivo pessoal e coletivo do sentido de viver.

Giordano Bruno, filósofo maldito, desde a Renascença, foi escolhido por uma de suas mais lindas obras “Eroico furore” para conduzir à perspectiva da contra-hegemonia, inspiradora do evento. Bruno lutara pela liberdade de pensamento sob a denúncia explícita de que ninguém deveria esperar, salvo por ingenuidade, que “o poder reformasse o poder”.

Veneziano, entregue à Inquisição romana, foi nas imediações do concílio de Trento, executado na fogueira.

O “Eroico Furore” narra o grande debate entre o coração e os olhos, isto é, entre o interior e o exterior. E, Giordano Bruno entendia, como Epicuro, que um Filósofo deveria saber apreciar a alegria, os prazeres, sobretudo aqueles ligado à verdade, à justiça e a pureza.

“Não basta que seja justa e pura nossa causa, é necessário que a justiça e pureza estejam dentro de nós”

(Agostinho Neto, poeta negro angolano e revolucionário)

Em **(Giordano Bruno)**, o coração se queixa de estar sendo consumido pelas paixões das imagens que os olhos lhe oferecem, e que o incendiava e consumia dentro do peito.

Os olhos, entretanto, se defendiam, acusando o

coração. As imagens eram apenas imagens sensíveis da luz, o queimor e a paixão vinham do coração que punha chama naquilo que os olhos viam.

O encontro Tempo e História pensava em soldar dimensões externas políticas, econômicas e sociais,

numa perspectiva de construir mentes e corações. Tratava-se, ainda, de compatibilizar o tempo e a ação dos intelectuais na transformação da arena política, sobretudo no abuso escancarado do mercado. O Encontro Tempo e História retomavam o curso Heideggeriano de que a função do filósofo – e de todos os seres humanos, portanto, era o de utilizar da filosofia “pensar o seu tempo”.

Epicuro, na defesa da vida humana, buscou uma resposta racional contra os limites que perturbando a felicidade semeavam o sofrimento.

Formulou três vias grandes, princípios filosóficos que nos ajudariam para lutarmos contra o sofrimento,

pois uma filosofia para a felicidade, não podia ser ingênua.

Epicuro via as angústias, a insegurança e o medo do tempo futuro, com a perda da juventude e da saúde, havia infortúnios, sobrevivendo, a infelicidade. De alguma maneira buscava o caminho do não-anseio, do não-desejo prognosticado pelo budismo e pelo taoísmo.

Lutou, pela filosofia do bom senso e contra toda a filosofia que causasse sofrimento humano, e fundou princípio que exorcizavam o tríplice medo que assombrava a humanidade: os deuses, o sofrimento e a morte.

Remédios para o sofrimento humano:

1. O deuses, pelo seu poder, poderiam ser temidos e nos fazerem sofrer. Mas eles são tão felizes que isso nunca ocorre, eles sequer se lembram da vida dos humanos na terra.

2. O sofrimento prolongado pode causar tristeza, mas é possível, a partir dele, recuperar a atenção para os momentos vividos antes que nos proporcionaram sentido de vida e imensa alegria.

3. A experiência da morte pode nos intimidar; ocorre, contudo, que nunca temos a experiência dela, pois enquanto temos consciência dela não estamos mortos, mas vivos.

Assim a fonte de nossos medos e ansiedade podem ser apaziguadas.

Disse Merleau-Ponty retomando, com certeza, Epicuro:

“Nem meu nascimento nem minha morte podem aparecer para mim como experiências minhas, pois, se os pensasse assim, eu me suporia preexistente ou sobrevivente a mim mesmo, para poder senti-los e não pensaria meu nascimento ou minha morte seriamente.. Só posso pois me sentir como “já nascido” e “ainda vivo” - (...) sei que se nasce e que se morre, mas não posso conhecer meu nascimento e minha morte. (...) “Quando a morte está eu já não sou, quando sou, a morte não está.”

(Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia...* p. 222.)

QUESTÕES PARA O DEBATE

A sociedade do controle, da coação e do temor se sustenta pelo medo, em conflito com a alegria. No Romance "O nome da Rosa" do italiano Umberto Eco a grande tese é que o riso estimula a corrupção e leva à perversão, implodindo a filosofia. "Muito riso, pouco ciso" diz o provérbio popular. Freire, menciona uma educação biofílica que ame a vida, contra as formas educacionais (necrofílicas) que amam a morte.

1

A alegria sempre foi considerada revolucionária e incômoda como o humor, aplicado por vezes ao político, e que surge como denúncia das formas de controle, castigo, punição entram em jogo na educação repressiva e autoritária, de sorte a tirar-lhes a força e denunciar-lhes a fraqueza, e estabelecer certo desgaste do poder. O Bobo da corte tinha esta missão, poder de alguma maneira dizer com humor o que estava proibido de ser dito por qualquer outra pessoa (Comente).

2

Humor é coisa séria. Peter Berger possui alguns livros sobre a transcendência posta em marcha pelo humor e pela ironia. Eles não apenas enfraquecem a força do poder, mas afirmam a inteligência daqueles que o percebem ativo. Discuta.

TEMA 4

THOMAS MORUS: Utopia e projetos - uma educação radical para a intervenção

“Aos pés da cultura agonizante dos novos bárbaros, florescem, apesar deles, humanidades outras, em mundos outros, na periferia. A beleza, a grandeza – e quiçá a última chance que teremos no planeta de sobrevivência da dignidade – esteja no fato de este mundo conter muitos outros mundos (Eduardo Galeano) para além do nosso. E, nesses mundos, foi e será ainda a educação o grande instrumento da construção de uma cultura para uma humanidade autônoma, esperançosa, afirmativa e audaciosa. Não se fará, contudo, sem nós, os educadores .

(Passos, In: Retratos da Escola no Brasil - CNTE 2004: p. 59)

4 UTOPIA E PROJETOS: uma educação radical para a intervenção

A questão:

Temos ouvido, frequentemente, que as utopias morreram. Fim da história! O poder presente se definitizou. Não é preciso esperar nada mais, além do que temos. Isso é o tudo. Sonhar em trazer o paraíso à terra, constitui uma violência, dirá Popper. É preciso acordar do sonho. Não há qualquer sentido para a luta. A humanidade foi um sonho de Deus que não deu certo, aliás, um grande fracasso...

Apesar disso, toda a filosofia contou com a lógica das utopias. U (negação)- topos (lugar): aquilo que não acha lugar, no sentido etimológico e ontológico. O que não é do tempo e do espaço. Prefiro dizer, aquilo que não tem ancoragem histórica. Contudo, as Utopias dizem, por isso mesmo, da falta que sentimos, do desejo, do sonho, do que embora não esteja aqui (hic et nunc – aqui

e agora) poderia, em outras circunstâncias, em outros tempos – especialmente tempos futuros ou tempos míticos no passado – vir a ter ou ter tido lugar.

Significa que toda a história é lugar também de certa frustração, que nos impulsiona à busca permanente da esperança que continua a fazer o que espera. Nossa vida está circunscrita no conflitivo, na procura, no imponderável, na abertura.

A **Utopia** é necessária. Por isso, toda a cultura contemporânea tende à **distopia**,

isto é, dizer que sonhos de mudança e transformação do sistema econômico, político e cultural é inútil. Nada muda. Que a utopia, como o homem é uma “paixão inútil”. Não há esperanças. Viva o fim da história – diz o Império.

Uma historinha

A rãzinha pulava na cozinha de uma casa, cujos moradores a deixaram no fim de semana para irem à praia. As duas, inadvertidamente, caíram no leite, condenadas à intoxicação: rãs não resistem muito tempo no leite. A mais velha, madura, e livre das utopias, convenceu-se da impossibilidade de alguém retirá-las de lá, sozinhas não sairiam. Aceitou os anos vividos e afundou com dignidade.

A mais nova, estava convencida de que, poderia, pelo menos, morrer lutando. Passou-se o final de semana. A família entrou em casa, e, na cozinha, o que encontrou? Um rãzinha de idade, morta, mas sorridente no fundo do leite; e uma estranha ilha de manteiga, testemunhando a emergência da esperança de muita, muita luta...

Moral da história: nenhuma história é linear e previsível!

“O que de mais paralisante e estúpido a ideologia pode fornecer à pessoa humana, é a castração antecipada; a impotência previamente deduzida, de que o futuro está fechado, de que a mudança é impossível, que só vale a resignação! Tal crença desarma qualquer aceno de luta. Não raramente enfoques apocalípticos fetichizadores de um progresso automático da História, ou do crescimento automático das contradições,

e seu amadurecimento numa “Revolução” sem atores, conseguiram sumariamente, acreditar num fatalismo teleológico que dispensava esforços humanos. Nem estas condições por si mesmas permitem saltos qualitativos na história humana, nem a vontade, indômita orientada pelo desejo. O tempo está aberto para ambos. E, não dispensa estratégias de inteligência para mudança e para consolidação da Paz”

(Passos)

“Toda fase histórica finda, esgota-se, porque desigual. Somente por truque dos iguais é possível pintar uma história definitiva, pois o definitivo seria a manutenção indefinida do poder de alguns.(...) Poder é sempre fenômeno periclitante pois, por mais que se possa “conformar”, manipular os desiguais, é sempre possível a revolta. Insatisfação social pode por vezes ser diminuída, encoberta, transferida, mas jamais suprimida, porque o desigual, estruturalmente, refaz todo o dia a dinâmica da mudança.”

(Demo, Op. cit. pp.125-126)

THOMAS MORUS foi filósofo, advogado, amado por sua justiça e bondade. Condenando o casamento duplo de Henrique VIII, acabou sendo, por vingança, acusado injustamente de corrupção contra a qual sempre se opusera e, esta o levaria à morte. Escrevera em homenagem a Erasmo de Roterdam, filósofo amigo, a sua obra maior **“UTOPIA”**, na verdade anunciando os valores que a sociedade negava.

ERASMO, satírico como era, enviou-lhe em agradecimento uma anti-UTOPIA, denunciando o que a sociedade era, e não admitira. Erasmo nos presenteou, assim, com o mais apimentado livro de crítica civilizatória: **“O elogio da Loucura”**. O curioso, é que na introdução do seu livro, Erasmo diz que escolheu a Loucura

(Moria – em grego) para homenagear Morus. O livro de Erasmo é um discurso da Loucura dizendo da soberania absoluta dela por sobre a terra e a vaidade dos homens. Vale a pena, também, ler o texto cômico **“Cândido, o otimista”** de Voltaire, que também descreve as distopias, denunciando-as e apontando pela crítica o que poderia ser a realidade econômica, social e política.

MERLEAU-PONTY fala da experiência que temos, interno a nós, que ele chama de **“ocultamento-desejo”**, isto é, lá onde o desejo foi eclipsado, ou interdito, os sonhos são ainda mais imperiosos por terem sido impedidos de se poder sonhar. É aqui que a Utopia – negada, ressurgiu das cinzas e passa a ter lugar, transforma-se em linguagem desavergonhada que se materializa como representação imaginada, ou como projeto de luta contra a determinação e a fatalidade.

“Se a educação não está nas estrelas, também não prescinde delas. É o desejo que usinado pelas mãos de carne, modela o rosto. Porque o ser humano se faz humano vivendo humanamente. Os processos de socialização e aqueles intencionalmente educacionais - em sentido estrito, afeta a homens e mulheres, posto que todo processo educacional nos contagia e marca, não apenas pelo que a humanidade vive no presente, mas por aquilo que ela aspira a vir-a-ser, como utopia”

(Passos)

Pedro Demo instiga a todos nós a pensarmos na possibilidade de fazermos um outro mundo:

“ (...) o espaço das condições subjetivas não é algo entregue à veleidade. Se não tem propriamente leis, tem regularidades; tem com certeza condicionamentos, antecedentes e conseqüentes, embora não determinantes. [...] Se acreditarmos que é possível evitar uma Terceira Guerra Mundial, é porque imaginamos poder agir em condições objetivas e subjetivas de sua gestação. À sombra disto, fomenta-se uma “ciência da paz”, que investe não somente na redução da capacidade destrutiva objetivamente instalada, mas igualmente em estratégias políticas de “convencimento”, “educação”, “mobilização” em favor da paz.”

(Demo, Op. cit. p. 122)

Acreditar na história como processo e projeto é afirmar que o homem está atravessado pela temporalidade. Passado e Futuro tomam espaço em seu corpo circunscrito ao instante do Presente. Definitivo e Provisório disputam minuto a minuto sua existência. E nela, a certeza da vida e o único que se capta um segundo

antes da morte.

Por isso o riso do pobre é escandalosamente incompreensível a quem imagina que a História do jeito que está, chegou ao fim. Konder (ANO, P.86) citando Bertold Brecht disse “O que é, exatamente por ser tal como é, não vai ficar como está”.

**É neste sentido que o projetar um futuro novo, utópico
provoca um desequilíbrio e um movimento
“de fora da” ordem estabelecida.
E implica na possibilidade de
superar a ordem estabelecida
e instaurar outra.**

**De alguma maneira também em Lênin este é o papel
das idéias revolucionárias e das condições subjetivas,
essenciais para enriquecer o processo objetivo.**

“A condução da vida não pode converter-se em possibilidade social universal a não ser quando for abolida e superada a alienação. Mas não é impossível empenhar-se na condução da vida mesmo enquanto as condições gerais econômico-sociais ainda favorecem a alienação. Nesse caso, a condução da vida torna-se representativa, significa um desafio à desumanização, como ocorreu no estoicismo ou no epicurismo. Nesse caso, a “ordenação” da cotidianidade é um fenômeno nada cotidiano: o caráter representativo, “provocador”, excepcional, transforma a própria ordenação da cotidianidade numa ação moral e política.”

(Heller, Op. cit. p. 40) ²

**As Utopias enquanto realidades futuríveis,
que poderiam ter tido lugar,
funcionam como um juízo sobre a realidade existente,
mais do que tudo, de denúncia.**

² HELLER, Op. cit. p. 40

QUESTÕES PARA O DEBATE

A complexidade econômico-sócio-político-cultural nos mostra que vivemos utopias e distopias, ao mesmo tempo. Esta é a luta incansável para todos nós. Viver a dimensão conflitiva da história na luta permanente de construir valores que enalteçam a dignidade humana. A mais importante contribuição de cada educador(a) e de cada educação: **RESISTIR!**

1

Quais as grandes distopias, as grandes negações de valores presente em nossa sociedade?

2

Quais as grandes utopias pelas quais lutaremos, talvez sem vê-las inteiramente no prazo de nossas vidas?

3

As utopias nascem das grandes distopias. Que significa isso para nós?

TEMA 5

IMMANUEL KANT: Da dependência para a autonomia - uma educação como prática da liberdade

**Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda**

(Cecília Meireles)

“Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós...”

(Hino da Proclamação da República)

5 Da dependência para a autonomia - uma educação como prática da liberdade

“Depois de terem embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranqüilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas.”

(Kant)

Há diferença entre Moral e Ética?

Claro que dependerá da filosofia que se escolher.

Proponho que Moral, proveniente da palavra *Mos*, *mores*, do latim, significa costume ou hábito tenha uma conotação menos universal, e, portanto, dependerá do costume de cada povo, daquilo que este povo define como valor. Tem um sentido mais sociológico, mutável.

O que é moralmente correto para um povo, como o consumo dos mortos como ato de piedade, poderá ser considerado rechaçado como violência para a grande maioria de outros grupos humanos. A moral, portanto, é mais exterior, mais comportamental, sociológica, ou brincando, é o varejo da ética.

Ética vem da palavra grega *ethos* diz respeito à dimensão de identidade do ser humano, aquilo que faz com que ele seja humano, expressando o que tem de universal. A ética é o que torna a moral um valor, que lhe confere valor. Proponho que valha o seguinte:

A ética é o que dá lastro à moeda corrente que é a moral.

Ficou conhecido na filosofia identificar a ética como um estudo das condições da moral, de como fun-

cionam os valores na vida da sociedade e das pessoas, da validade das normas sociais de conduta.

Há três grandes pilares que sustentam um ato humano ético:

o conhecimento, **a vontade** e **a liberdade**

Se faltar um único destes ingredientes, a dimensão ética de uma pessoa se encontra comprometida. Ninguém pode avaliar o interior, a intencionalidade das pessoas, apenas pelo seu comportamento. Se a ausência destes elementos for imposta de fora ou desconstruída, é a sociedade como um todo que é responsável pela desumanização em curso, pela violência e pelo terror. Neste caso, a sociedade não

é o conjunto dos “outros” sem mim, o que diminui qualquer ser humano neste planeta me diminui como humanidade.

A luta por eticidade é a luta pela constituição paidêutica, educativa, de pessoas humanas. O que humaniza os povos, a mim humaniza. O que desumaniza pessoas, a mim desumaniza. A ética é patrimônio que pertence a todos, por direito.

“Toda a alma que se eleva, eleva o mundo”
(Tereza de Lisieux)

Uma das mais belas páginas da filosofia nasce como um artigo de resposta a uma provocação. O pastor, na mesma cidadezinha de onde Kant jamais saíra escreve comentando que todos falam de esclarecimento (*Aufklärung*) mas ninguém sabe explicar. Isso incomodou Kant. E após, não menos de cinco meses, respondeu.

O teor do documento expõe seu pensamento de que existe o medo das pessoas assumirem a sua liberdade e autonomia, por isso, seguem conselhos, ajustam seus sonhos ao seguro, ao permitido, ao enunciado, ao mandado, evitando o risco de assumirem a condição única de sua humanização: o risco da liberdade.

Mas Kant vai bem mais além, em sua vida. Para ele, muito semelhante a Jean Paul Sartre – filósofo francês contemporâneo, falecido em 1968, há três tipos

humanos, os covardes, os safados e os atrevidos. Os primeiros são aqueles que fogem da responsabilidade de definirem o próprio caminho por medo de errarem; os segundos são aqueles que em cima das costas dos outros, se eximem da responsabilidade do que fazem, depositando qualquer fracasso nas contas dos responsáveis que lhe mandaram executar a ação, e os terceiros são aqueles que inauguram um caminho que implica arte, o de saber que naquela condição histórica, respondem por toda a humanidade ali, e irão através de suas ações dizer: “Na minha pele vou escolher, por toda a espécie humana, a melhor maneira de alguém poder viver com sentido toda a sua humanidade, neste lugar.”

Não há caminho pronto para a ética. Sempre estarei só, porque ela é parturizada – e tirada do próprio corpo – no trilhar do caminho, entre dúvidas, possibilidades, que surgem ao andar.

Uma historinha...

Dois irmãos plantaram uma roça de arroz a meia. O arroz deu em abundância, dividiram em metades iguais, que cabia a ambos. O primeiro, mais novo não era casado. O outro tinha uma companheira amada e uma grande quantidade de filhos, seus tesouros. Quando cada um deles levava a última carreta de arroz para casa havia uma inquietude no coração de ambos. Deitaram-se mas, não dormiam. O primeiro, nas altas horas da noite pensava... "Eu moro só. Não vou precisar desse arroz todo. Mas quem sabe meu irmão poderá perdê-lo para ratos ou pragas, tem mulher, filhos... Não é justo ficar com a metade. Ele poderá se aquietar se souber que haverá sempre muito mais para garantir-lhe a alimentação sua e dos filhos." O mais velho pensava: "Há arroz de sobra! Toda a alegria do meu irmão é a produção do arroz, porque ele não tem mulher e filhos como tesouros. Eu não vou comer todo esse arroz, vai sobrar. Não é justo ficar com a mesma quantidade dele. Como

seria bom, na hora dele medir, verificar que a produção ainda foi maior do que aquela que ele teria imaginado".

Levantaram-se, ambos, cada um deles, prepararam uma carroça muito cheia de arroz para, no silêncio solitário da noite, sem que ninguém soubesse, pôr no paiol do outro. E, diz a historinha que eles subiram a montanha e se encontraram bem no meio do caminho, no topo do monte Sinai. E, Deus aprovando o grande encontro onde o irmão põe o coração no outro irmão, Javé decidiu que era o lugar certo para proclamar o espírito de sua Lei: onde, para além da centralidade pessoal, se sai ao encontro do 'outro', por nele ter colocado o grande tesouro.

Ali, também é o 'lugar' de uma educação libertadora atrevida, num sistema de opressão contra a humanidade de todos e todas: fraternidade universal estabelecida na luta e na revolta contra tudo que impede de prosperar a justiça e o direito entre nós³

Texto de Kant:

"A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (a minoridade por natureza) [...] continuem, no entanto, de bom grado menores durante toda a vida. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimentos, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso de esforçar-me eu mesmo Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outro se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis. [...] Por isso são muito poucos aqueles que conseguem, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura".

(Kant: *O que é o iluminismo*)

³ Educação em movimento: Espaços, Tempos e Atores para o Século XXI Revista de Educação Pública, Cuiabá/MT, v. 16, n.3, p. XX-XX, mai.-ago. 2007

QUESTÕES PARA O DEBATE

LEVAR PARA KANT - COMENTE AS ASSERTIVAS ABAIXO COM O SEU GRUPO

- 1** Kant comenta que poucos sacodem o jugo da minoridade e arriscam-se a definir sua vida. Kant tem razão, a liberdade contém elementos de risco, e por isso, muitas pessoas demandam não perder o controle sobre nada que afetar suas vidas. Vivem em estresse porque não se podem prever a maioria do que acontecerá.
- 2** A liberdade, a vontade e o conhecimento são os elementos, que faltando um só, faz com que o agir humano fique destituído de condições para moralidade.
- 3** Toda a educação se inspira originalmente num ideal de construção de pessoas autônomas, livre e emancipadas. Esse ideal é o prumo que precisa regular todas as ações educativas.
- 4** Uma educação impositiva e autoritária desumaniza tanto o aluno como o professor, tanto os pais como os filhos. Não pode ser educativa uma relação que reproduz a condição de sujeito e objeto e entre dois seres humanos.

TEMA 6

HEGEL: O desejo do desejo

“Hegel é a maturidade [...] O mais anti-romântico dos românticos e, ao mesmo tempo, o mais apaixonado romântico da Razão”.

(Sciacca)

“Na verdade, a presente (des)ordem do capital tem, precisamente a seu favor, a naturalização absurda da sacralização de uma ordem arbitrária, como se ela sempre tivesse de ser assim. Nada no tempo poderá subsistir sem ser, implacavelmente, roído por ele. Os povos que viram, no exílio da história, a prisão, o continuismo e a predeterminação, rebelaram-se contra ela. Utilizaram a magia, o rito, tomando partidos das forças emergentes para se contraporem aos destinos selados pelos deuses. Toda ordem, quanto mais dura e implacável, implica uma rebeldia tantas vezes maior: essa selvagem e subversiva maneira de revelarmos o atrevido rosto de nossa humanidade.”

(Passos e Sato: 2002,29)

6 O desejo do desejo

A questão:

“É possível compreender o ser humano? Predizê-lo, esgotá-lo em explicações?” pergunta Paulo Freire. E num longo texto procura compreender:

“Somos seres inacabados, em permanente processo de definição. Criaturas ambíguas e desejantes, necessitando tornar-nos plenos e ao mesmo tempo sempre em busca de sentido, construindo nosso modo de ser no mundo a partir do desejo permanente [...] Mas porque somos assim? [...]”

Responde Freire que somos o que somos porque a existência do outro afirma nossa existência. A necessidade dos outros cria um fratura que surge da consciência do “outro”.

“Esta fratura dilacera o ser humano.: ele é incompleto, infinitamente distante do outro, solitário e se faz como paradoxo [...] se percebe separado do mundo ao mesmo tempo imerso nele – distante e distinto. [...] a alteridade une e separa o sujeito do objeto, desejo permanente de união que não pode ser realizado.”

A relação diz Freire é esta tentativa desesperada

“[...] de suturar esta fratura, de cruzar o abismo da separação: aproximar-se do outro, tocar e dialogar com o outro, compreender o outro, unir-se ao outro.”

Freire, na verdade, conclui que todos somos seres do desejo. Nascendo da luta para superar a falta é o desejo que nos projeta para além do que somos. Nos chama a ir além da falta que sentimos. Dizia, o Filósofo Fichte,

contemporâneo de Hegel, que somos seres que se fazem pela atividade de comunicação, mas que a atividade do eu é “heróica”, estabelece limites para superá-los. O ser só existe na atividade de sair de si, para retornar a si.

O maior expoente da Filosofia Idealista, Hegel marcou decisivamente a Filosofia, após sua contribuição. Gerou não apenas uma filosofia, mas, fundamentou de maneira radical a dialética do pensamento moderno. Dividiu a filosofia no meio, pois dele surgiram movimentos opostos: Filósofos da “direita hegeliana” como Rosenkrantz e Fischer e Filósofos da “esquerda hegeliana” - como Feuerbach e Marx.

Ao ler a “Fenomenologia do Espírito”, de Hegel, parece que estamos lendo o Gênesis da Bíblia.

No início era a Idéia sozinha e absoluta. Informe, vazia em sua interioridade, dormia sem consciência de sua existência. A matéria exterior choca-se contra a Idéia e a acorda. Emerge na Idéia a consciência, na colisão com o outro ser que a nega. Sai de eterna hibernação sob o choque daquilo que está fora dela mesma, que lhe dá a sensação de medo, lhe limita. O movimento

da Idéia de afirmação de sua absolutidade é a busca de negar aquilo que agora a nega. E nesse movimento, ela incorpora em parte a dimensão material, bem como a consciência que emergiu, e, de novo ela se estabelece como uma grande síntese que será de novo negada pela exterioridade que resiste. Esse movimento, uma vez posto em marcha, não terá fim...

Dialética o que é isso?

Usemos nossa imaginação...

O setor de formação acertou na CNTE uma entrevista com **Parmênides** e **Heráclito**, na nossa assembléia ordinária. Desejávamos ouvir estes gregos o que para eles era a filosofia. Parmênides, todo para si, de bem com a vida, disse:

- A filosofia é o conhecimento humano sobre o SER. Ser que é eterno, perfeito e imutável. O perfeito não pode mudar. Se mudasse, mudaria para menos ou para mais. Se mudasse para menos isso seria uma imperfeição, e o ser é perfeito. Se mudasse para mais, não seria perfeito, ainda. Logo, o Ser é o que existe, não muda. O SER é o único que existe, porque o não-ser, não existe”.

Resumiu, no quadro, escrevendo:

✓ **O Ser é, portanto, existe.**

✓ **O não-ser é não-ser, portanto, não existe!**

Baixinho, entre dentes, quase expirando, arrematou:

- “O ser é e o não-ser, não é.”

E, tomou um gole da água que lhe deram, passou a palavra a Heráclito, e sentou-se, soberano, afundando em si mesmo.

Heráclito, magro, inquieto, meio nervoso. Apontava para Parmênides:

- “Cuidado, gente, não é bem assim... Quando você disse, Parmênides – *que sequer o ouvia!* - , que o Ser é, - e eu concordo – é claro que ele existe, tudo bem! Mas, parece-me que você não se escuta. Olhe bem o que você escreveu, lá, no quadro: “O não ser é não ser ...” O que você está dizendo mesmo, Parmênides, é que o não-ser “É” não-ser! Portanto, que o não-ser também existe. Existe o ser e o não-ser. Contrário um ao outro, estão sempre em luta. Ora, prevalece o ser; ora, o não-ser ganha a luta. Tudo muda o tempo todo. Nada é eterno, tudo é fluxo, tudo é mudança. Talvez, - *olhando para nossa assembléia* - vocês se lembram que eu escrevi: “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, porque quando entrar na segunda vez, nem o rio, nem ele próprio será o mesmo. É aqui que nasce a dialética, movimento, transformação e luta contra a visão congelada e eterna do ser. A vida é toda ela transformação, nada é permanente.”



Todos os companheiros olharam espantados, qual seria a reação de Parmênides. Ele, dormitava. Permanecia impassível, alheio em sua eternidade perfeita.

A mudança de **Heráclito, para **Parmênides**,
era truque de linguagem, mera aparência!**

Ali, nada o ameaçava! Aliás, não estava nem aí!...

O mais importante idealista alemão, fascinado pela Revolução Francesa e o Direito, fundou uma filosofia da história, pela qual a história humana se desenvolvia dialeticamente, por contradição. O pensamento e história, como duas faces contrárias da mesma moeda, estariam em fluxo intermitente da atividade do espírito. O Pensamento teórico, contudo, era a principal munição das transformações sociais, segundo Hegel. O bom senso, acreditava ele, como a maioria dos iluministas, prevaleceria na história. A Razão era a mais importante personagem, funcionava como lei das obras mais conhecidas. “O que é real é racional, o que é racional é real” – dizia Hegel. A História toda era a redenção. Atividade do Espírito absoluto nos esforços de sua objetivação na história concreta dos grupos, das pessoas e dos estados. História esta, que se convertia em atividade de autoconsciência do espírito Universal. Cada ser humano, apesar da brevidade de sua vida, recuperava com sua história singular e particular, um momento único no pulsar da vida do Espírito Univer-

sal. “Sê pessoa e respeita os outros como pessoa!”

Rejeitando toda instrumentalização das pessoas, insistia que o desejo por coisas materiais, cessam.

Tenho desejo de água, eu a tomo, e o desejo se aplaca. A grandeza da pessoa está no desejo do desejo – o desejo que permanece para sempre no ser humano e que nada pode saciá-lo.

Ao concluir a sistematização de sua filosofia, Hegel adotara o princípio de inclusão de tudo no todo. Nada ficaria fora, Bem e Mal, a consciência e o objeto, Deus e os Homens, a Lei e a liberdade, a realização individual e o Estado. Hegel entendia que havia compreendido a chave do movimento da história do espírito universal. Divinificara, assim, a História humanizando-a no campo das idéias e da filosofia. Edificara um teologia que era uma antropologia. Mundanizara deus e dignificara a Palavra e o Trabalho.

Desta forma a filosofia se reconciliara com a síntese das muitas tentativas e erros que lhe precederam, e Hegel concluiu –

**“Antes de mim não houve filosofia, depois de mim não haverá filosofia!
A partir de agora ninguém precisará ser “original”.**

(Hegel)

A Filosofia de Hegel, entretanto, foi utilizada pela direita e pela esquerda política. Sacralizou a Razão, o Estado e o Progresso. O progresso das ciências e da tecnologia floresceu sob a convincente Filosofia hegeliana.

As duas grandes guerras, a bomba atômica, o holocausto, derrotaram Kant e Hegel. “Fritaram” a

racionalidade otimismo no pretendido bom senso da história.

As guerras mostraram que o Rei estava nu. Soçobaram as filosofias das essências e emergiu como um grito, as filosofias da existência.

Havia então, munição de sobra para Kierkegaard, Heidegger, Camus, Sartre e, mais tarde, Nietzsche.

“Vosso Deus jorrou sangue sob meu punhal!”

(Nietzsche)

O Estado, Deus de Hegel, estava morto. Até quando?

QUESTÕES PARA O DEBATE

1

Filosofia faz mal à saúde?

2

O que mesmo é a Razão Moderna?

TEMA 7

MARX: Não trabalhamos porque somos humanos, somos humanos porque trabalhamos

Tudo que é sólido se desmancha no ar. O marxismo também?

(Boaventura Souza Santos: *Pelas mãos de Alice*)

“O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer “isso é meu” e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não pregaria ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo fossos, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir este impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém”.

(Rousseau: *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*. Os pensadores, 1973)

7 Não trabalhamos porque somos humanos, somos humanos porque trabalhamos

Gênese segundo MARX:

No começo era o macaco. Ele começou a realizar pequenas operações para, com segurança, manter sua vida. O polegar opositor crescera-lhe nas duas mãos. Hábil, por isso, como nenhum outro animal, trabalhava. Certa noite, percebera, pela primeira vez, um misto de desproteção, parecia ser dois: sentia saudade do que tinha sido e vontade de ser outra coisa. Sua mente não estava onde estava seu corpo: começara sua transformação em gente! Gente que pensava, que planejava, que utilizava teorias que interpretava o mundo a seu favor. Pensadores, os mais fortes começaram

a acumular trabalho realizado pelos outros, sem pagá-los, criando o capital. Numa terrível noite sem fim, o capital acumulado, adquiriu alma. Descobriu, ainda, que a feitura de macaco em gente era realizada em silêncio pelo trabalho, e, alterou o genoma dele de maneira cruel para poder produzir as pessoas de que precisava. No outro dia, as pessoas não eram mais pessoas. Voltaram a ser macacos. Macacos que trabalhavam felizes com três importantes competências: eram adestráveis, morreu neles a revolta e, já não tinham sonhos.

(Passos: *O sonho e o pesadelo* - 1992)

Recupero, na historinha acima, alguns conceitos importantes: o polegar opositor que distingue o ser humano; o pensamento gerando desejo e quebrando a experiência do espaço e do tempo fechados; o trabalho como produtor de pessoas; a inversão realizada daquele que pensa, o trabalhador, transformando-se em coisa (reificação) sob o comando do fetichismo do capital que adquire alma.

Discuta estes elementos, trocando informações com seus companheiros.

Karl Marx nascido de família que pertencia à classe média, a mãe, judia holandesa e seu pai excelente advogado em serviço público. Tendo iniciado o direito em Bohn, acabou transferindo-se para Berlim, universidade

onde Hegel, recém falecido, fora Reitor. Doutorou-se em Jena, com tese acerca do materialismo de Epicuro e Demócrito, busca dialogar com o idealismo hegeliano. Na verdade, Marx parte da dialética hegeliana, colocando no lugar da Idéia que dava o impulso inicial no pêndulo

Idéia ↔ Matéria (Hegel)
Matéria ↔ Idéia (Marx)

Um brilhante filósofo brasileiro, do qual fui aluno, Tarso Massoti, disse-me, certa ocasião, que Hegel não era idealista, mas, materialista: tinha sido a matéria que acordara a Idéia adormecida. Concordemos ou não, com Tarso, esta foi a leitura que Marx fez sobre Hegel e que forneceu condições de preciosa leitura do mundo humano e político.

Hegel concebe a determinação da Idéia sobre a Matéria

Em Hegel, era o Pensamento Universal humano – as concepções filosóficas, de direito, de arte, de religião, de cultura, enfim, que gerava uma sociedade material e histórica, com um tipo de forma de

trabalho, um tipo de relação na produção dos bens, um tipo de economia. O pensamento era a instância primeira, criadora e revolucionária de uma sociedade específica.

Marx concebe a determinação da Matéria sobre a Idéia.

Em Marx será a matéria, e não as idéias, que transformam e determinam a realidade. Portanto, o trabalho e a produção coletiva, enquanto base social econômica com suas formas organizativas, ou seja, a forma como os homens se organizam e se relacionam para trabalhar sobre o mundo, e prover suas necessidades materiais, em busca da sobrevivência e de sua reprodução seria determinante. É este trabalho que produz as idéias um tipo específico de cultura, pensamento, arte, direito e religião, nesta mesma sociedade,

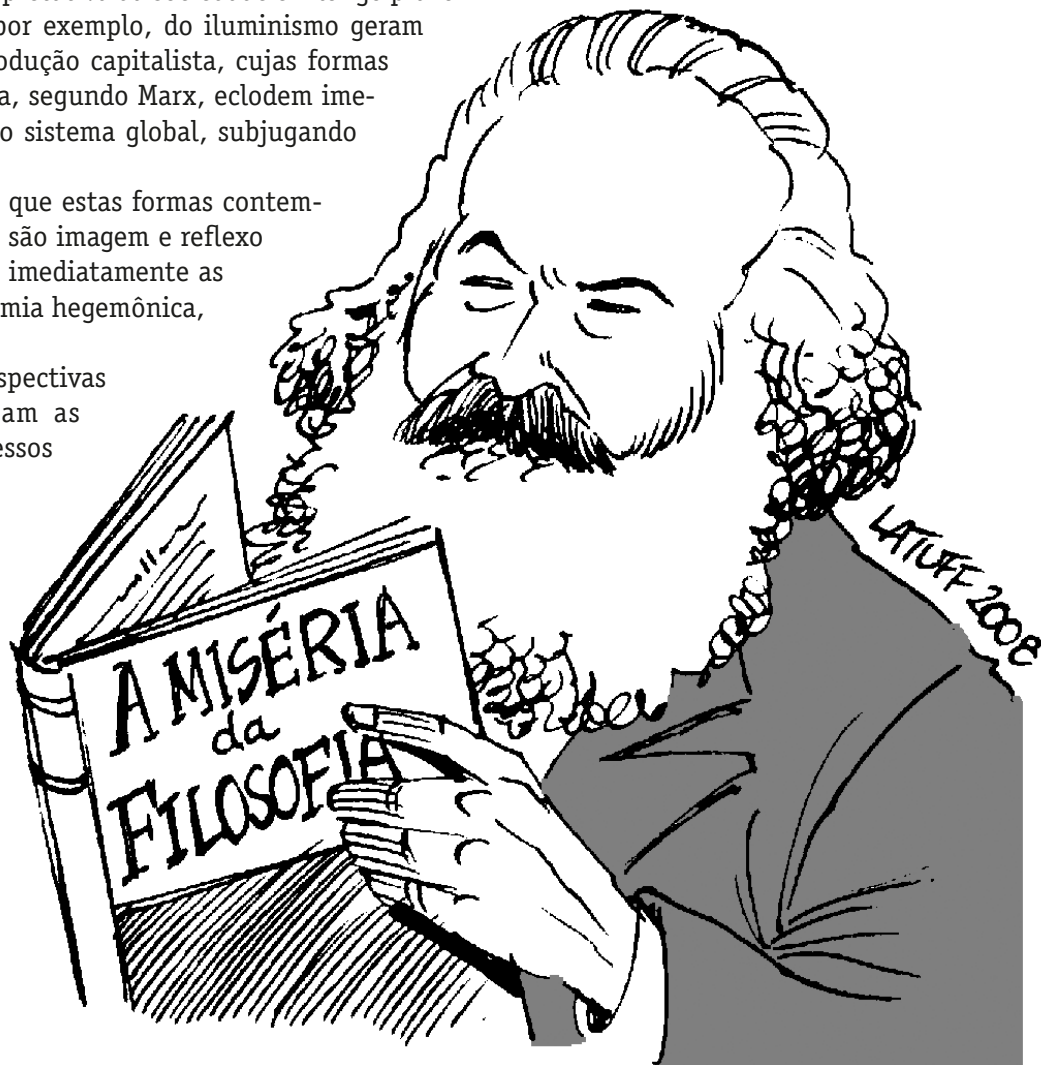
e que acaba por legitimar a desigualdade. As idéias, de maneira geral, terão também o limite das formas de trabalho e dos meios utilizados na produção. Era a economia (material) a primeira instância determinadora e causadora das idéias, do pensamento e da produção cultural espiritual de uma determinada sociedade. As idéias funcionarão como ideologia, falsas imagens, em contrário, do que se sustenta nas relações sociais, e tornar-se mortíferas aos trabalhadores, legitimando a desigualdade e o poder da classe dominante.

Muitas vezes se tenha a impressão, pelo volume dos debates, que Hegel e Marx dissociados, dizem coisas contrárias. Não dizem, é claro, as mesmas coisas.

Hegel faz uma análise interpretativa da sociedade em longo prazo de tempo. Mostra que as idéias, por exemplo, do iluminismo geram num largo tempo um modo de produção capitalista, cujas formas de produção material e tecnológica, segundo Marx, eclodem imediata e contemporaneamente como sistema global, subjugando não-proprietários.

Marx sugere, e é inegável, que estas formas contemporâneas de pensamento e cultura são imagem e reflexo dos modos como as pessoas vivem imediatamente as relações sociais possíveis da economia hegemônica, implantada.

Hegel e Marx possuem perspectivas temporais diferentes que animam as análises e interpretações dos processos sociais também distintos.



O fato é que...

Quem dá as cartas da educação é a fábrica, e todo o cenário montado por ela pelos Meios de Comunicação de Massa, pelos governos que dançam à sua volta, satélites dos interesses do capital, que hoje é sobretudo transnacional. Nossos planos educacionais são definidos pelas grandes agências internacionais financeiras e comerciais: Organização Mundial do Comércio, a Fundo Monetário Internacional, Comissão Econômica de Plane-

jamento para América Latina (CEPAL), e outros.

Se, antes, a esfera política e as guerras determinavam a dominação, os tigres asiáticos mostram que a economia pode ainda muito mais. Dominam internamente países sem precisar uma guerra convencional de ocupação territorial. Parece que a dominação tem vindo pela força da diluição das economias internas destes países.

“Nesta retomada voluntária, nesta passagem do objetivo ao subjetivo, é impossível dizer-se onde acabam as forças da história e onde começam as nossas; e a questão não quer dizer nada a rigor, pois só há história para um sujeito que a vive, e só há sujeito historicamente situado. Não há uma significação única da história; o que fazemos tem sempre vários sentidos, e é nisto que uma significação existencial da história se distingue tanto do materialismo como do espiritualismo. Mas todo fenômeno cultural tem, entre outras, uma significação econômica e, assim como ela não se reduz a isto, a história nunca transcende por princípio à economia.”

(Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos S.A., 1971, (anotação 18), p. 184.)

De quebra... mangás e Pixar!

As revistas em quadrinhos, Pato Donald, o Mickey e o Pato Donald, sustentaram ideologicamente a força do império do norte. Foram substituídas, muito recentemente, por uma arte singular, por vezes doce, por vezes sádica, os sofisticados mangás. A arte neles respira a atmosfera surrealista, a magia, a bruxaria, os poderes ocultos, as transformações, num regime poético de crueldade e horror. Impõe, inclusive, o lugar e o domínio do olhar na apreciação do mundo: leitura de trás para frente, e de baixo para cima! Cultura da disciplina, competição individualista, submissão hierárquica e destinos fechados, utilizados nos processos de educação de massa pelos grupos dominantes no Japão, tem frequentemente levado à assustadoras cifras de suicídios entre crianças e adolescentes. Similar às películas dos estúdios de Walt Disney, a Pixar tomou o cinema das crianças e adolescentes. Segundo testemunho de um dos maiores autores de cinema no Brasil, a Pixar produziu uma desalfabetização do olhar, não há mais referências possíveis, salvo por exceções, para crianças e adolescentes e adultos compreenderem a arte de uma “Belle de Jour” de Godard. Trata-se de sinergia entre Economia e Cultura – indissociáveis, pendulares e dialéticas, bem compreendido por Gramsci, nesta guerra dos tigres asiáticos por mar, terra e ar e subordinando a dignidade humana à infinita avareza da acumulação capitalista.

É tão absurdo pensar na não determinação da economia por toda a esfera da vida humana, como pensar que não haja, certa autonomia do pensamento para que possa, inclusive, conceber do ponto de vista das questões subjetivas, idéias revolucionárias.

A prioridade, no confronto, no campo de batalha, é no mais próximo, no mais imediato, no mais essencial à sobrevivência: a economia.

“Não é só o peixe, João que se pega pela boca...”

(Passos: *A peso de uma enxada só* - 1987)

A alimentação desta luta será qualificada pelas ideologias que darão a direção intelectual e moral para que a sociedade econômica seja transformada por suas

relações em sociedade política.

Da redução à força de trabalho, a transformação em Estado Político.

QUESTÕES PARA O DEBATE

1

O livro *O Capital* de Marx, nasce sobre a dor de Marx, ao ver a “coisificação” da vida e morte prematura de crianças, mulheres e homens nas fábricas inglesas. O “Capital” - obra de Marx - não é a santificação do capitalismo, mas a Crítica da Economia Política. Denúncia a perversa coisificação (reificação) das vidas humanas sob a ditadura da acumulação. Troque idéias sobre isso.

2

O Capital é o grande grito histórico e político contra o feiticismo da mercadoria e dos donos do capital. Aponta, pela crítica a direção política das lutas das vítimas, consideradas como desprovidas de inteligência, poder, direção e subjetividade. Comente.

TEMA 8

Lévinas: Educar na Perspectiva das Diferenças e da Outreidade

“O modo como o Outro se apresenta, ultrapassando a idéia do Outro em mim, chamamo-lo, de fato, rosto.”

(extraído de LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988, p.38.)

8 Educar na Perspectiva das Diferenças e da Outreidade

Judeu francês, Lévinas⁴ vindo da corrente filosófica do existencialismo, encantou-se com os mitos da Lituânia, sua terra natal.

Deus, quando criava os homens, voltava-se de costas, para que aquela criatura ganhasse a liberdade absoluta, e jamais lhe devesse sua criação ou precisasse, por retribuição, se submeter ao seu criador. A alegria e a realização de Deus estavam na gratuidade do seu amor livre, desejando também que o outro, nascido de suas mãos por livre vontade, pudesse também viver a mesma liberdade criadora, sem tutelas.

Lévinas se perguntou: por que não dar estatuto filosófico à essa criação mítica?

Lévinas encontrou razões para isso. Nossa vida não começa em nós e por nós mesmos. O que temos é dom. Recebemos o concurso de, pelo menos, dois seres

humanos – um homem e uma mulher - que nos geraram com a doação de uma carga genética. A cultura de todos outros e outras nos precedeu. Nosso corpo biológico emprestou e se sustenta dos elementos materiais e espirituais dos quais sobrevivemos, a terra, o ar, a água, os nutrientes, acolhimento, reconhecimento, amor. Somos um presente das alteridades. **E-f-e-t-i-v-a-m-e-n-t-e**, temos a liberdade de escolher qual relação queremos ter com estas alteridades.

Nos pertencemos e não nos pertencemos. Se quer nos temos nas mãos, “estrangeiros que somos a nós e a este mundo” (Camus). Meu rosto precisa do rosto e do olhar do outro que me aceite, que me acolha, que me ame. Nossa falta e incompletude visceral nos arremete para fora de nós. É procurando o que não-sou-eu, que me encontro em toda a profundidade no mistério que sou.

**O mistério não é o que não pode ser conhecido,
mas que pode
ser conhecido sempre mais, infinitamente**

(Leonardo Boff)

⁴ A pronúncia do seu nome de origem francesa, em português será *Léviná*. O “s” não é pronunciado.

Gato

**Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama
Bom servo das leis fatais
Que regem pedras e gentes.
Que tens instintos gerais
E sentes só o que sentes
És feliz porque és assim,
Todo o nada que és é teu,
Eu vejo-me estou sem mim
Conheço-me e não sou eu”**

(Fernando Pessoa)



É perdendo-nos que nos encontramos!

(Francisco de Assis)

Por causa disso, a filosofia, dirá Lévinas, não começa pela busca das essências; isto é, pela Ontologia, a chamada filosofia do ser,

A filosofia primeira é a Ética.

(Lévinas)

É a partir dela que somos. Vivemos em e na relação com... Poderíamos brincar dizendo que, em Lévinas: “Sou ético, logo existo!”

Ninguém é ético sozinho ou para si. Não existe qualquer sentido ético num ser humano perdido numa ilha. Ser ético me diz que só sou com... Mais do que isso: só sou para os demais, que recortam e constituíram minha identidade em relação à toda a humanidade.

O humanismo do outro homem é um livro de Lévinas, em Português.

Desenvolve a idéia de que eu me defino humano face aos outros seres humanos.

E Lévinas vem molhado pela experiência pessoal de transcendência diante da violência e do absurdo dos campos de concentração e extermínio.

Lá, Lévinas, aprendeu como ninguém, a partir dos horrores da desumanidade, o sentido da vida humana e da solidariedade.

Enrique Dussel,

argentino, teve sua casa bombardeada em Buenos Aires, refugiou-se no México, e hoje pertence ao grupo

de pensadores da Costa Rica, ligados a Hinkelammert. Esboçou durante quase 30 anos o que ele chamou: “Por uma ética latino-americana. Entretanto, no ano de 2000, Dussel lançou uma ética com nome e endereço, que ele chamou: “Ética da Libertação em tempos de exclusão e globalização”. Dussel vai beber na filosofia de Lévinas. Este extenso livro de Dussel, que visita tudo o que se produziu sobre ética na Filosofia, reinventa o princípio fundamental e absoluto da Ética, tomado, segundo ele, de Levinás: “Vale a VIDA!”: o que ele chama de “a vontade de viver”. (Shopenhauer)

A Ética nasce nos limites das diversidades, das

alteridades. Se hoje, a cultura global busca homogeneização das diferenças, e, é na expressão livre de cada sujeito que ela se assenta como sistema e cultura.

Na palavra de **(Jung Mo Sung)** pesquisador coreano e brasileiro, o qual pertence, também, ao grupo de Costa Rica, inspirado em Hinkelammert: “O homem se separa do cogumelo... porque é uma ausência que grita!” Explica Mo Sung, as pessoas saem da condição de cogumelos para se tornarem sujeitos, quando se expressam como um grito contra a dependência e a alienação. Grito que não pode ser exclusivamente individual, pessoal, mas precisa ser coletivo.

A Filosofia Levinasiana⁵, como a ética sartriana, é o grande grito contra o narcisismo, contra as filosofias que fazem de qualquer pessoa seu próprio princípio, causa, meio e fim. Descentra o humanismo fechado do homem para-si como medida de todas as coisas – joga-o para fora, para a diferença, estilhaçando o egolatrimo⁵ das sociedades contemporâneas.

O projeto educacional que afina com a Ética da Libertação, segundo Dussel, é o da Educação Libertadora de Paulo Freire. Em ambos os projetos educacionais, a medida de cada qual serão os outros/as.

Mas muito mais que isso: Ninguém estará só, mesmo quando isolado, preso, detido, “incomunicável” porque sua luta pela emancipação e liberdade é uma luta de todos e todas pela vontade de viver.

A luta toma sentido novo quando adquire a

característica de grandes marchas solidárias; grandes “muchiruns⁶” contra as injustiças. A vitória está na própria convivência, no próprio movimento, na própria insurgência, amorosa, coletiva e festiva.

Na história, por vezes, a grande vitória será apenas a de se ter resistido e lutado sempre, lado a lado, todos os dias e a cada segundo. Exprime, assim, o grande grito de rebeldia contra a dominação. Luta de todos e todas, que nos confere um rosto humano junto a todos os outros homens e mulheres.

⁵ Culto e adoração do “Eu”

⁶ Forma popular cuiabana de dizer Muchirão, isto é, trabalho de colaboração, feito nas emergências, de vizinho, na colheita, no aceiro, realizado sempre festivamente pelos momentos de convivência, partilha da comida, cantos e festa.

O *muchirum* é um regime de mutualidade e contraprestação, onde se trocam os dias de trabalho uns com os outros: ajuda e serei ajudado.

Quantos companheiros nossos morreram sem ter visto a vitória, a memória que fica de cada um deles foi sua teimosia, sua esperança que está agora depositada nas mãos de cada um de nós, para avançarmos na mesma direção. Eles venceram... Nós os representamos, aqui e agora, na mesma luta, por nós e pelos outros e outras.

QUESTÕES PARA O DEBATE

- 1** Que seria de um ser humano que vivesse somente dele próprio, para ele e por ele?
- 2** Educação é a arte de fazer pessoas para os demais, descentradas e solidárias (comente).
- 3** O sabor da luta e da vitória não está no fim dos processos, está em todo o trajeto onde me descubro um outro, que é, ao mesmo tempo a contradição se ser um mesmo em parte, e um diferente em outra parte, na afirmação e luta pelos direitos da liberdade, do reconhecimento e da felicidade.

TEMA 9

MERLEAU-PONTY: A Palavra que Corporifica o Mundo e antecede o Pensamento

**“Nossos pensamentos, nossas paixões, inquietações giram
em torno de coisas percebidas”**

(Merleau-Ponty, 1966, p. 127).

9 A Palavra que Corporifica o Mundo e antecede o Pensamento

Vivemos no mundo da linguagem. Nosso ser e nosso corpo são palavras: palavra-mundo, diria Paulo Freire. Nós dizemos por gestos, mímicas; palavra que nem precisa ser pronunciada com a boca. A palavra, toda

ela, entretanto, carrega sempre um sentido ambíguo: fonte de comunhão ou de divisão.

Dos antigos romanos:

A palavra é um véu que velando, revela!

Ela tanto serve para dizer alguma coisa, como para esconder outras. Ao afirmar alguma coisa, tira de foco outras dimensões desta mesma coisa. **O filósofo Merleau-Ponty dizia que as palavras são recortadas com um fundo de silêncio.** Os sentidos que as palavras afirmam só aparecem no contraste com os sentidos negados. Quando lemos uma palavra, mesmo aquelas deste texto, nenhuma letra apareceria se o fundo desta

página fosse preto. É o contraste que permite, como uma moldura, produzir um sentido.

Veja em baixo, combinam-se o preto e o branco, de maneiras diferentes.

Se o fundo preto do Banner do Exemplo I fosse branco, não haveria nada escrito que pudesse ser lido. O contrário do que ocorre com a metade superior das letras pretas recortadas por uma faixa branca no Exemplo II.

I EXEMPLO

CONTEXTO

II EXEMPLO

CONTEXTO

O sentido de uma palavra é partejado pelos sentidos que construímos em nós, com a cultura.

A cultura é uma "caixa comum" de sentidos partilhados por todos.

Mas este mesmo sentido terá reverberações, ressonâncias e acréscimos que serão colocados pela subjetividade de cada um.

Estará, ainda, sob uma moldura nem sempre a mesma, que altera o sentido geral, pelo olhar perceptivo, datado e experiencial de cada pessoa, lê.

A velha historinha...

O filho manda uma carta. “Pai, manda-me dinheiro!” O pai lê, com enorme desagrado e fica ofendido. “Ele pensa que manda em mim! Desaforado!...” A mãe toma a carta, e explica: “Mas meu velho, não é isso que está escrito aqui, olha o tom sofrido dele...” - e com voz, chorosa e doce, de quem suplica, relê... Veja, aqui está assim: “Pai! Manda-me o dinheiro!” O velho em silêncio, disfarçou as lágrimas...

Combinamos muitas coisas nas nossas assembleias, e cada um entende coisas muito diferentes dos mesmos signos escritos. Fantasia, imaginação,

construção a partir dos sentidos cotidianos de nossas experiências, fazem circular idéias muito contrárias nas mesmas palavras.

Exemplo da vida

Uma assembleia, certa ocasião, estabeleceu critérios discutidos coletivamente que unificariam procedimentos de suas ações na área de formação. As práticas, após o combinado, divergiram tanto que gerou uma grave crise, e foi convocada uma nova assembleia para saber o que estava acontecendo. A pessoa mais contestada por todos, dizia: “Gente, eu só fiz o que está escrito aqui...” “E lia o texto, por todos assinados. Todos entendiam, lendo o mesmo texto coisas muito diferentes. Uma pessoa da coordenação pediu a palavra e, surpreendendo ainda mais a todos, protestou: “Espera. Tem algo errado, aqui. Eu, pelo menos tinha entendido, com todas as palavras, que escreveríamos isso só para ser registrado no papel, e que ficava acertado que ninguém iria realizar esses absurdos!”

A Palavra possui um significado social circulante

A palavra é um signo que carrega um sentido social circulante, disponível e todos, de um grupo ou uma população; carregada de ambigüidade, a partir de uma leitura do mundo, com as experiências vividas num corpo, dizia Paulo Freire, “molhado de história” chegamos a entendimentos distintos. O Beijo, símbolo universal de carinho, unidade, afeto e fidelidade, no

contexto de Judas, ele significa traição.

É, muitas vezes, a moldura das relações que muda o sentido de um gesto. Paulo Freire alerta que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. É a visão do mundo que dá o chão, o recorte do que de fato se está falando.

Um poeta dizia

Eu aponto para as estrelas, e o imbecil olha para o dedo.

No filme *O amor é contagioso* o intelectual internado numa instituição psiquiátrica perguntava, escondendo o polegar, e mostrando quatro dedos da mão: “Quantos dedos vês aqui...” As pessoas diziam: quatro! Ele concluía: “Todos imbecis!” Consertando-lhe

a caneca de chá com um adesivo, Patch Adams (Tom Ranks) conquistou-lhe a simpatia, e perguntou: “E essa, dos dedos?...” Ele os mostrou e disse: “É preciso olhar além dos dedos...” A imagem, então, se multiplicava em muitos dedos, antes invisíveis. Adams aprendeu

a lição. Quando um dia o reitor decidiu expulsá-lo da Faculdade de Medicina, Adams com o reitor à sua frente, vociferando, deixou o olhar flutuar como que perdido, viu muito além daquele reitor... Adams ria... A fúria do reitor era então redobrada. Adams enxergava muitos

outros reitores além daquele... Nem tudo estava perdido. Tinha noção de que não estava só... Acabou vencendo, fazendo-se médico que respondia aos sonhos e desejos das pessoas, e que seria seguido por uma multidão de outros médicos, historicamente

Uma língua antiga?

Na figura abaixo, há inscrições com uma ordem lógica previsível



Se você “cortar” cada um destes símbolos acima, bem no meio deles, de cima até embaixo, descobrirá a lógica usada na sua confecção*.

Existo, logo penso!

Não pensamos para, só depois, existir. Sequer pensamos antes para expressar o pensado com palavras. Ao contrário. Precisamos começar a falar, a escrever, a dizer, a contar para que os outros e nós mesmos possamos compreender o que, de fato pensamos. Ainda que em silêncio, tentamos organizar nosso pensamento, na verdade ensaiamos discursos, escolhemos palavras e frases,

experimentando a lógica delas, falando com os nossos botões, para nós mesmos nos compreendermos.

E quando nossa boca se abre e dizemos nossas palavras e nossos discursos, sempre nos surpreendemos ou nos confundimos no que queríamos dizer, e aquilo que de fato dissemos nelas. Dizemos muito menos e muito mais do que queríamos ter dito.

Quem não se comunica se estrumbica!

(Chacrinha)

* Exemplo retirado do livro de Rubem Alves, *Introdução ao jogo e suas regras* - Brasiliense

Este é o mais importante sentido de dizer, re-dizer, escrever e reescrever nossos textos. Trata-se de expressar em palavras para melhor compreender nossos pensamentos e quem somos. Quando estamos em aulas sempre nos obrigamos a ir além do que até então tí-

nhamos entendido, e assim aprendemos.

A filosofia nos ensina a utilizar a palavra como centro gravitacional de estudo, da compreensão, do desenvolvimento do próprio pensamento. Veja como filósofos contemporâneos, abaixo, definem a Filosofia:

Filosofia é a arte de criar conceitos!

(Guattari e Deleuze)

Vivemos numa sociedade da comunicação, somos seres que não subsistem sem nos comunicarmos, e a palavra é o lugar sagrado da divisão ou da comunhão, arco-voltáico que produz morte ou vida, a depender do contexto e da intencionalidade do ser humano.

Ela é a fonte da compreensão de nós mesmos – quem não se compreende a si próprio sempre terá um grande abismo na compreensão dos outros. O tu, em parte, é um outro eu. A palavra é o lugar da possível comunhão com todos os outros.

A educação por querer construir pessoas, que são palavras, será o espaço e o lugar privilegiado da palavra, do discurso aberto, compartilhado, para trocas e para a construção do entendimento e da democracia.

QUESTÕES PARA O DEBATE

SOMOS PALAVRAS. ELAS PUBLICISAM NOSSO SER. CENTRAM NOSSAS RELAÇÕES.

1

Qual sentido tem tido a palavra na minha vida?

2

Que sentido tem nas relações que estabeleço na minha profissão?

3

Tinha já a percepção de que as palavras precedem o pensamento?

4

Que leitura de mundo referencia e faz da palavra pessoal e coletiva instrumento de transformação?

TEMA 10

JEAN PAUL SARTRE: Dos Covardes e Safados à Solidão Solidária

"Faz escuro, mas eu canto".

(Tiago de Melo).

10 Dos Covardes e Safados à Solidão Solidária

Jean-Paul Sartre se negara a ser covarde e safado.

Os covardes, para ele, eram aqueles que escorados na má fé, inventam determinismos, de que não podem fazer diferente daquilo que fazem, recusando-se aceitar a total liberdade que implica risco nas decisões.

Há também *os safados* que são aqueles que tentam demonstrar que sua existência era necessária, quando ela é a própria contingência do aparecimento

do homem na terra.

Ao se apartar deste tipo de 'modelos' dominantes da cultura, Sartre optou ser só, no único que define o rosto humano, o engajamento na ação, na direção do que se acredita para nós e para os outros.

O existencialismo será um filosofia da ação e do engajamento, contra o "quietismo", dizia Sartre, e contra a unanimidade, que Nelson Rodrigues, influenciado pelo existencialismo, chamava "burra".

Primeiro viver... depois filosofar
(Antigo provérbio romano)

"A existência precede o pensar, quanto o viver precede o filosofar. Minha existência contudo está definitivamente implicada na existência dos outros, como a minha liberdade. "[...] o homem está condenado a ser livre, o homem é liberdade. [...] Não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer. [...] o homem é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é, portanto, nada mais do que o conjunto dos seus atos, nada mais do que a sua vida. [...] há uma universalidade do homem, mas ela não é dada, é indefinidamente construída."

(Sartre - *O existencialismo é um humanismo*)

Que vida Sartre se fez para si?

Um homem que se decidiu a ser completamente sozinho. Uma vez condenado à existência, porque o homem será o que se fizer dele próprio. Sartre fez-se só em centenas de situações públicas de sua vida longe de unanimidade. Perguntemos, não

deveria, por isso, ter terminado sozinho com sua escolha pessoal? Fechado, por isso, num projeto de vida individual, medíocre e narcisista? Esquecido e voltado para seu próprio universo onde ele começava e nele terminava?

A existência de Sartre, ao contrário teve uma fecundidade rara. Ao contrário, sem medo de arriscar a vida naquilo que acreditava, fez-se um lutador veemente a favor de todas as causas da liberdade, e atacou - com veemência - tudo o que feria esta liberdade. A liberdade é o húmus da solidariedade e do compromisso político.

“Ao queremos a liberdade pela liberdade e através da cada circunstância particular [...] descobrimos que ela depende inteiramente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa. [...] a liberdade como definição do homem não depende de outrem, mas, uma vez que existe a ligação de um compromisso, sou obrigado a querer ao mesmo tempo a minha liberdade e a liberdade dos outros; só posso tomar a minha liberdade como um fim se tomo igualmente a dos outros como um fim [...].”

(Sartre - O existencialismo é um humanismo)

É possível julgar uma vida?

“Não há meio algum para julgar. O conteúdo é sempre concreto e por conseguinte imprevisível; há sempre invenção. A única coisa que conta é saber se a invenção que se faz, se faz em nome da liberdade.”

(Sartre - O existencialismo é um humanismo)

Sartre sendo ele mesmo, sua vida foi um grande emblema para a pessoas insatisfeitas com as mentiras, convenções, artificialismo e violência.

Sua vida foi de grande referência, como sua obra. Sartre só, foi muito mais do que somente a vida de um homem sozinho. Sua vida teve eco nas multidões.

Ao contrário da imensa maioria dos homens no planeta, aquele que não tinha uma religião, deixou a vida

não tendo um partido, tendo poucos amigos, cego, com falência dos órgãos, carregava no seu corpo seus sonhos, e o projeto de vida de quase toda a humanidade. Por isso, seu enterro, em Paris, representou o ato público de protesto do qual tomava parte, um levante contra a frivolidade do poder, foi acompanhado por mais de cinquenta mil pessoas que choraram sua morte. Quem sabe valeu ter primeiro arriscado a viver pelo que acreditava, e, somente por causa da vida, ter tido a coragem de filosofar.

Minhas causas valem mais do que minha vida.
(Pedro Casaldáliga)

Tantos pensaram a vida de Sartre como um desesperançado, sem amor.

Sartre amou?

Ele próprio responde:

“Para o existencialista não há amor diferente daquele que se constrói; não há possibilidade de amor senão a que se manifesta no amor, não há gênio senão o que se manifesta na obra de arte; o gênio de Proust é a totalidade das obras de Proust [...] o que queremos dizer é que um homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a soma. [...] um covarde se construiu covarde pela soma dos seus atos”.

(Sartre - *O existencialismo é um humanismo*)

A Revista *Discutindo Filosofia* da editora Escala Educacional, Ano 1, nº 2, número especial sobre Sartre, mostra o atribulado caminho deste filósofo. Conhecer, pois, sua trajetória e iniciativas públicas, permite compreender a densidade do que propôs em filosofia.

Jean Paul Sartre nasce em Paris no dia 21 de Junho do ano de 1905.

Desde que conheceu, ainda jovem, a jornalista e filósofa Simone de Beauvoir, cuja parceria jamais abandonou, ela própria o ajuda a conceber e fundamentar suas obras. Simone, à morte de Sartre, ela mesma produz a crônica dos acontecimentos para os jornais do mundo todo, em 15 de abril de 1980.

Tomo como referência a cronologia realizada por Luciano Donizetti da Silva, publicada na revista *Discutindo Filosofia*:

SARTRE

- 1940: prisioneiro de guerra dos alemães.
- 1941: foge e funda grupo de resistência com Merleau-Ponty “Socialismo e Liberdade”.
- 1945: funda com Merleau-Ponty a revista “*Tempos Modernos*”.
- 1948: Faz-se membro do “Rassemblement Démocratique Révolutionnaire” (RDP).
- 1949: inicia conflitos com Lukács.
- 1950: Critica junto com Merleau-Ponty os campos de concentração soviéticos.
- 1952: Rejeita a guerra fria e em defesa de Henri Martin e da paz entre os blocos. Viaja para Argélia, defende a autonomia deste país, com Merleau-Ponty.
- 1955: Defendeu a paz em Helsinque, reencontrando Lukács. Separa-se de Merleau-Ponty quando este publica “As aventuras da dialética”.
- 1957: Na intervenção da Rússia na Hungria, sai do Partido Comunista Francês; denuncia a violência e tortura, critica De Gaulle.
- 1960: Encontra Castro, Che Guevara e viaja ao Brasil. Os franceses clamaram por seu fuzilamento quando assina o Manifesto dos 121. Chega em Paris é interrogado pela polícia.
- 1961: Morre Merleau-Ponty – Sartre, calorosamente, o homenageia. Neste mesmo ano, luta pela libertação da Argélia. O apartamento de Sartre sofre atentado à bomba.
- 1962: Discursa publicamente contra o fascismo francês e sofre o segundo atentado a bomba.
- 1963: Participa da união dos escritores.
- 1964: Indicado ao Nobel de Literatura, desreconhece a comissão e rejeita o prêmio.
- 1965: Adota como filha Arlette El-Kaim e, com reservas, apóia François Mitterrand.
- 1966: Participou do Tribunal Russel que julgava crimes de guerra dos EUA no Vietnam.
- 1968: Doente, apóia nas ruas, a revolta dos estudantes: denuncia capitalismo e comunismo.
- 1970: Passa a dirigir jornal de esquerda: *A causa do Povo* – todos os exemplares da primeira edição foram recolhidos. Trabalha para a fundação Socorro Vermelho, contra a repressão.
- 1971: Publica “O Idiota da Família”. Ocupou, num protesto que não deu certo, a Basílica do Sagrado Coração.
- 1973: Apóia o jornal *Libertação*, rompe com a Unesco que nega a reconhecer o Estado de Israel.
- 1975: Das filmagens de “Sartre pour Lui-Même” (“Sartre por ele mesmo” disponível no YOUTUBE) recebe carta com ameaças de morte.
- 1977: ditou artigos e revistas, cego e bastante ensurdecido.
- 1980, em 15 de abril, morre.

O existencialismo é exigente, porque, para um existencialista, a vida histórica, no mundo, é tudo.

Na vida está jogado tudo.
Ali se é tudo ou nada.
Não há lugar para neutralidade.
Temos que decidir o que fazer
de nossa vida, sem má fé,
sem safadeza e sem covardia.
Não escolher é já uma escolha diz Sartre.
Escolha sem volta. Preciso aceitar limites,

por exemplo,
que os outros possam ser livres.
Neste sentido, é possível que outros,
depois de mim, poderão escolher
um projeto que julgo mal
para a humanidade,
porque também eles são livres.

**Estamos longe das essências puras do mundo das idéias.
A existência é o lugar de encontro
com as grande lutas e demandas
em favor da liberdade.**

**Lugar das grandes de-cisões: das grandes rupturas.
Somos nós como coletivo que pudemos na/pela educação
abrir perspectivas para as necessárias transformações
dos movimentos, das políticas,
dos projetos e de cada um de nós.**



É necessário aceitar que a lua não se reduzirá nunca ao tamanho do meu prato!

QUESTÕES PARA O DEBATE

- 1** A filosofia que incomodava os gregos, parece que vem sempre incomodando o mundo. Comente.
- 2** Nem sempre a filosofia foi a mesma. Ela muda de eixo quando da busca das essências, se volta principalmente à existência. O que implica para nós, da educação, estas opções hoje?
- 3** Escolher a vida e a liberdade num contexto de morte e controle, pode ser um grande projeto para a humanidade?

TEMA 11

Há muitas lógicas na nossa vã filosofia

“Ninguém pensa da mesma forma numa choupana ou num castelo”.

(Schopenhauer).

11 Há muitas lógicas na nossa vã filosofia

A lógica – termo que deriva de “logos” e que significa “palavra”, “razão”, “discurso”. Ela foi utilizada por Aristóteles entendendo que ela era uma lei do pensamento humano que procurava organizar as informações derivadas dos sentidos, de tal maneira, que se tornassem compreensíveis. Organizava, portanto, em nós as informações do mundo que estavam fora de nós.

A lógica era então uma maneira de organizar os dados de forma que garantisse que este pensar tocasse o coração mesmo das coisas: as essências.

Aristóteles acreditava que o cérebro humano reproduzia, de ordinário, o que de fato estava fora de nós. No entanto, só o fazia quando não estivesse perturbado por grandes emoções, paixões desordenadas, falhas dos sentidos ou da interpretação equivocada dos dados sensíveis.

Procurou entender como o cérebro humano reagia para obter do real, dados sensíveis e particulares das coisas. Tratava-se de abstrair das coisas aquilo que correspondesse à alma delas, suas essências. Identificar por fim, essa essência com um código, dar-lhe nomes, isto é criar um conceito era *inteligir (ler dentro)* o que eram. À harmonia deste processo Aristóteles chamou pela primeira vez de lógica.

A lógica, nessa compreensão, pretendia acompanhar o caminho do pensamento racional humano que nos permitisse declarar uma verdade com organização e clareza. A lógica para Aristóteles era a grandiosa

expressão da filosofia, pois articulava os sentidos com o pensamento humano, que chegando à Verdade articulava com o Belo e o bem que estavam no ser de todas as coisas.

Verdade, Bem e Beleza não se separam, são aspectos da manifestação do Ser que resume o mundo. E fazer estes valores coincidir nos pensamentos e atos humanos. Amor à sabedoria que expulsasse toda a falsidade. Evitariam os efeitos psicológicos causados por bons oradores que emocionavam, e acabavam por convencer pela habilidade, astúcia e pela força do discurso, não levando à verdade e ao bem. Isso era uma deformidade do ser, pensava Aristóteles, pois levava o pensamento a conclusões inverídicas ou equivocadas.

Aristóteles, por isso, foi buscar o pensamento organizado e lógico reagindo contra o grande movimento de sofistas que o precedera e que foram chamados de sofistas, que usavam do estratagema de um pensar aparentemente bem elaborado, capcioso, mas que levava ao erro, à feiúra ética e à maldade. Aristóteles lutava contra os sofistas que buscavam persuadir, convencer e espalhar verdades aparentes àqueles que andavam na busca de pessoas sábias que os ajudassem a encontrar o caminho da verdade. Quantos buscavam na filosofia o caminho para resolver as tortuosidades da vida, procuravam o caminho do prazer, da beleza e do bem, mas tropeçavam em falsos filósofos que se utilizavam da boa fé, às vezes da ingenuidade ou ignorância para manipular suas vidas, e ganharem dinheiro com isso. Os sofistas eram mercadores, vendiam verdades e vaidades do falso saber.

Os sofistas eram, naquele tempo na Grécia, às primeiras sementes do pensamento jurídico político hegemônico em nossos dias, das propagandas enganosas do marketing, que vendem mentiras, por dinheiro e muitas vezes compram a consciência e a alma das pessoas. A ideologia do mercado se alimenta das mesmas fontes de discursos fabricados e falsos que induzem, pela oratória, pelas imagens virtuais, mentiras elaboradas que parecem verdade.

Num filme de 28 minutos Emanuel Santana, mostra sua pesquisa com os atingidos por barragens que foram “expulsos” por Furnas para criarem o Lago de Manso. Os depoentes contam que foi feito um filme mostrando a fertilidade da terra, utilizando uma melancia artificial, de plástico, dizendo que era produzida nas terras onde eles tinham sido assentados. Neste caso, tratava-se de mentiras cujas aparências enganam!

Na Grécia, os filósofos sofistas com discursos elaborados e capciosos confundiam, e vendiam discursos prontos, a favor da mentira e da violência; hoje a propaganda televisiva o faz dia e noite espalhando um consumo desenfreado e gerando necessidades artificiais com informações mentirosas. Os sofistas o faziam por dinheiro, ou por vaidade, usando o poder da linguagem discursiva.

Furnas fez a mesma coisa utilizando, segundo

É claro que da Rosa, nome próprio comparado à planta como espécie vegetal, há uma enorme diferença... Muda-se, no caso a categoria Rosa, nome próprio da tia, pelo substantivo rosa, que se refere a uma planta, conduzindo a um raciocínio equivocados. Trata-se da falsa lógica.

A linguagem serve para raciocínios bêbados, e por vezes, engraçados. Num antigo livro de Português havia um excelente exemplo:

Fica evidente que o raciocínio acima tem a intenção de comparar coisas muito diferentes, um momento da infância com o momento da idade adulta; mas trabalha situações tão distintas, que terminam fazendo uma ligação de um primeiro evento (o leite) que não precisa ter nenhuma ligação com o segundo evento (uso de óculos). Isso é uma desorganização do pensamento lógico!

Havia também na lógica dos sofistas, aporias – “lugares sem saída” - que causavam perplexidades e levavam à confusão do pensa-

Sérgio Brito, diretor premiado do Projeto “*Cinema Circulante*” usando a melancia de plástico como personagem na linguagem cinematográfica. As pessoas apegavam-se aos sofistas como se fossem grandes sábios; as pessoas acolhem Furnas pelos projetos ambientais que divulgam. Ambos, na Grécia e agora, numa linguagem que leva a caminhos perversos da não-vida.

Lembro-me ter ouvido, ainda adolescente, quando descobria linguagem e filosofia, alguns raciocínios “lógicos” que confundiam:

**Todas as rosas são flores,
Minha tia é Rosa,
Logo, minha tia é uma flor!**

“Aquele homem era tão santo que com um pé toca a terra, com o outro olha o céu!”

Adolescente, alguém me ensinou uma quadrinha que era paráfrase de um versinho popular.

**Quando eu era pequenino
Minha mãe me dava leite
Hoje eu sou grande
E uso óculos!**

Brincava, ainda, um amigo meu, com versinhos inusitados:

**Lá vem a lua surgindo,
redonda que nem um queijo!
Mas, quem foi que te disseram
semelhantes istos
Que caranguejo não tem pescoço?**

mento ou até à contradição. Vejamos um exemplo clássico que se chama “Teorema do homem mentiroso”:

- Eu vim de um país onde todos mentem!

A frase é tão curtiinha que precisa ser lida com atenção. Veja aquele que afirma dizer a verdade, precisa estar mentindo. Se ele, por outro lado, estiver mesmo mentindo, ele está dizendo a verdade – porque ele veio de um país que todos mentem.

Esses brinquedos da linguagem já foram muitas vezes apontados. O filósofo Wittgenstein dizia que a palavra é um labirinto. Brinco que a palavra é um pântano.

Ora toda a filosofia é sempre colocada em linguagem e por isso precisamos nos acautelar com as verdades das filosofias. Até porque dizemos uma coisa e o outro entende outra. É o que diz nosso músico, artista e filósofo Sérgio Lorosa, com muita lógica:

**“Uma coisa é uma coisa,
outra coisa é outra coisa!”**

Tem jeito de furar este labirinto?

Aristóteles trabalha nisso. Criou por isso a lógica formal. Ele organiza o pensamento em forma de linguagem, num sistema chamado silogismo, isto é, um jeito de sair da constatação das informações dos sentidos, pela linguagem e elaborar conhecimento em formas de raciocínio rigoroso.

O silogismo, mais simples, é formado por três afirmações (assertivas). Já estou dizendo com isso que há outras formas de silogismo. Mas tomo o mais

simples para exemplificar, mostrando como Aristóteles tenta isso. Vamos partir assim de um exemplo bastante comum:

**“Todos os homens são mortais
Pedro é homem,
Logo, Pedro é mortal”.**

A primeira afirmação é uma afirmação que se estende a todos os homens da espécie humana e diz que eles são mortais. A segunda frase, afirmaria uma particularidade acerca do sujeito o qual se estuda: Pedro!

Destas duas afirmações tira-se a conclusão que gera uma terceira afirmação lógica, “Pedro (por ser ho-

mem comum) é mortal”. Veja, a conclusão reúne toma a verdade universal da primeira afirmação e a aplica ao caso particular de Pedro. Afirma-se, assim, algo novo, em linguagem, acerca da situação ou pessoa particular a que nos referimos no raciocínio intermediário, Pedro. Veja isso em equação:

Vamos aplicar a fórmula:

Vamos brincar ainda com a expressão acima:

Os termos médios isto é do centro B e C passam a se “encontrarem” por sua “semelhança” de A.

**A=B
C=A
Logo: C=B**

Todos os homens (A)
são mortais (B).
Pedro (C) é
homem (A).
Logo, Pedro (C)
é mortal (B).

**A = B
C = A**

**Os semelhantes se alegram
com os semelhantes**

Da primeira verdade universal localiza-se um homem, o Pedro – um sujeito - do qual se afirmará algo que não está dito dele, em linguagem, antes da conclusão: Ele é homem e, portanto, ele é mortal.

A dedução conclui algo lógico a partir de verdades

constatadas pela força do raciocínio, como consequência das verdades anteriores, desprezando detalhes a se atendo ao essencial ou à conclusão particular. O silogismo, assim, permite uma expressão enxuta e rigorosa do raciocínio, de forma a tornar o pensamento claro.

Continua a valer a lógica, em nossos tempos?

Sim. Sempre usamos o raciocínio lógico no cotidiano, nem sempre organizado de maneira rigorosa. Mas todo o pensamento precisa confrontar-se com certa lógica. Sempre que houver debates entre diferentes opiniões, as pessoas buscarão justificar com argumentos lógicos, para resolverem conflitos, demonstrando que estão do lado da razão. A lógica de Aristóteles foi organizada, na forma de silogismo, pois, era o “jeito dos humanos arrumarem o pensamento pela linguagem”.

Atenção! Uma verdade em linguagem pode ser

apenas uma opinião!

Toda a filosofia só é possível em linguagem, comunicando o pensamento através de asserções afirmativa ou negativa. Tais afirmações continuarão, entretanto, verdades abertas e relativas suscetíveis de mudarem, se variarmos nossos pontos de vistas e de observação, nossas intencionalidades, ou o contexto onde nos situarmos. “Ninguém pensa da mesma forma em uma choupana ou num castelo” (Schopenhauer).

A cabeça vai na direção dos nossos pés.

Diferentes pessoas com diferentes olhares interpretarão diferentemente o que dissermos. Não há por isso, como impor nossa opinião como verdade absoluta. Costumamos supor que nosso ponto de vista seja honesto e verdadeiro, teremos que supor que todas as outras pessoas pensem o mesmo dos seus. Acredito na lógica que expresso, as pessoas acreditam nas suas.

Se a lógica for usada como ferramenta de ajuda para pensar, não poderá nunca se tornar verdade absoluta, que não se modifique a depender da perspectiva sob a qual ela é olhada, ou do lugar que ela ocupa num sistema simbólico. Numa estrutura histórico social, distinta do lugar social e de classe ao qual pertencemos, das culturas

e etnias diferenciadas que nos tomam o corpo e o espírito haverá lógicas discrepantes. Mudarão suas expressões em conjunturas políticas de liberdade e democracia, como naquelas cujo contexto é de repressão e ameaça. A verdade é andarilha, migra com o horizonte.

Há ruídos na transmissão das verdades...

Há repercussões afetivas e emocionais que modificam o pensamento racional. Não somos gavetas e repartições, somos uma complexidade. Não são as verdades cerebrais que sobressaem na direção dos humanos. Pode ser doloroso

constatar que o que pensamos do real, é freqüentemente cortina de fumaça, justificativa, ou explicação esfarrapada para fatores que não são tão lógicos assim. É bom, por isso, atenção quando “verdades” estiverem em conflito.

Deverá haver debate, construção conjunta de verdades provisórias, sem oprimir, sem negar as outras lógicas, ou seja, outras interpretações, procurando construir um consenso no debate, na troca, na dialética, portanto, partindo das verdades contraditórias, construindo algumas convergências.

Tive um professor durante o tempo de ensino médio, que nos dava aulas de filosofia num grande colégio em Santa Catarina. Ele vibrava de alegria quan-

do afirmava que o poder da filosofia estava em usar o silogismo⁷ como arma e como um anel de ferro, para esmagar os adversários.

A filosofia, desta forma, se tornava menos do que uma busca da verdade racional uma cruzada irracional contra a toda e qualquer verdade. Toda derrota pelo massacre, é uma derrota política de todos e um fracasso da nossa humanidade!

A lógica não é mais a mesma!

A lógica sofreu mudanças após Aristóteles⁸. Se a lógica aristotélica cuja validade residia na forma em que se expressa e estruturava o pensamento, se afastou do pensamento clássico e ameaçou o pensamento moderno.

Da lógica formal que sustentava de que nada pode ser e não ser, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto - princípio que fundava o silogismo, e que se chama princípio da não contradição - foi relativizado.

Na verdade, sobretudo após (**Hegel**) as contradições entraram em campo, num processo de luta, processo dialético que permitisse negociar a partir de cada uma delas, uma verdade mais elaborada, sem jogar fora a tensividade do real. O pensamento que excluía os pólos que se contradiziam foram chamados à visibilidade e a tomar lugar na arena e entabular di-á-logo.

Os positivistas ainda cobram de nós o princípio da não contradição, combatendo como errôneo e equivocado o pensamento dialético.

Piaget, aliás, num texto de filosofia traduzido e publicado na coletânea de *Os Pensadores*, se insurge contra **Merleau-Ponty** quando esse dizia que a filosofia

estava “Em toda parte e em nenhuma!” Piaget vociferava que isso era brinquedo maldoso que não podia ser tomado como sério nem como ciência, nem como filosofia!

A lógica se despregou como outras ciências da Filosofia. Alcançou outras formas muito sofisticadas, uma delas a logística contemporânea que estuda as formas de organizar sistemas complexos. Imiscuiu-se na Relatividade onde Deus parecia viciado em dados, na Física quântica trabalhando imprevisibilidades e Caos.

O avanço da lingüística, semiótica, psicanálise quebrou definitivamente o chamado princípio da contradição, as verdades claras e distintas, articulando o pensamento contraditório com validade formal, dado que é produto do cérebro humano, que não tem uma única lógica, linear. Sustenta outras tantas lógicas inclusive, a do não sentido. Se a lógica formal é ainda uma ferramenta para alguns pensares, e é usada para manobras políticas e geração de consenso e de senso comum, ela continua pertencente ao nosso reino, sabendo que como nós é molhada e encharcada de ambigüidades! O real não é o pensado!

⁷ “(...) concluir a partir de premissas, ser deduzido, seguindo um raciocínio regular” Houaiss eletrônico.

⁸ A lógica dialética precede em muito Aristóteles, vimos quando colocamos neste livrinho Heráclito e Parmênides na reunião da CNTE. Parmênides e Heráclito tinham razão. Se a realidade é universal, ela é ao mesmo tempo particular e singular. Todo o pensamento sobre o mundo, sobre o outro e sobre nós mesmos tem nosso é contraditório, incompleto, histórico e mutante.

Onde penso, não estou!

(Lacan)

Algumas filosofias confundem o fato de que se pode ter um pensamento coerente, não falso, sem que ele encontre objeto correspondente ao pensado no mundo. Dizia Wittgenstein que uma foto fora de foco, ao ser reproduzida com grande precisão precisará manter e até ampliar seus limites imprecisos, para continuar sendo a mesma. O mundo não se amolda ao movimento do pensamento. Lembre-se: “uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa” (Lorosa).

Esclarecendo: a filosofia deve e pode usar o pensamento coerente, lógico, para ter clareza no raciocínio. E aí podemos dizer que a conclusão a que chegamos do ponto de vista formal é verdadeira. Sempre podemos dizer se uma afirmação é falsa ou verdadeira (o que se pede muito em vestibular!) isso não significa que

a linguagem que é linguagem, uma representação que “toca as coisas que estão no mundo” seja ela mesma aquilo que ela, apenas representa. O mundo resiste, no seu modo próprio de ser, ao pensamento.

Aristóteles chamava isso de lógica “formal”, isto é, a “forma de organizar o pensamento”. Insistia eu, no início deste texto, que a linguagem era um jeito do pensamento operar.

Hoje depois de muitas águas que giraram as pás do moinho da filosofia podemos dizer que o mundo em sua verdade é muito maior que o nosso pensamento! Também assim o mundo nos precede, diria Merleau-Ponty! “Podemos muito com a filosofia e não podemos nada: esta nossa contradição” – dizia Sartre num bela entrevista.

QUESTÕES PARA O DEBATE

- 1** “O fato de não se poder ter completa assepsia no nosso pensamento, não significa que se possa fazer uma cirurgia no esgoto” (Geertz) . Em que sentido isso pode-se aplicar à lógica?
- 2** Os sofistas usavam o pensamento para induzirem as pessoas à farsa, como manipulação política. Isso ocorre com alguns meios de comunicação de massa que lutam contra a democracia. Isso também ocorre em nosso movimento?
- 3** A clareza é a delicadeza dos filósofos, mas é também uma forma de evitar conflitos. Você acha bom procurar sempre a clareza nas relações cotidianas?

TEMA 12

A (In)explicável invisibilidade das mulheres na filosofia ocidental

“Para que a humanidade seja sempre feliz e perfeita, é necessário que ambos os sexos sejam educados segundo os mesmos princípios. Mas como será isso possível se apenas um dos lados, é o lado do direito e da razão?”

(Wollstonecraft - Filósofa americana do Século XVIII)

12 A (In)explicável invisibilidade das mulheres na filosofia ocidental⁹

“Para que a humanidade seja sempre feliz e perfeita, é necessário que ambos os sexos sejam educados segundo os mesmos princípios. Mas como será isso possível se apenas um dos lados, é o lado do direito e da razão?”

(Wollstonecraft - *Filósofa americana do Século XVIII*)

Poderíamos, apenas, fingir que as mulheres nada contribuíram na filosofia. Estaríamos, então, erguendo um muro em que o único critério de classificação para acesso ou exclusão fosse a distinção de gênero e sexualidade. Ficaria assim: campo dos homens: lugar da

filosofia - lugar do pensar crítico e rigoroso; campo das mulheres: campo da não filosofia - lugar do pensar não crítico e não rigoroso.

Falso problema? Imaginação? Não tanto.

A questão:

Hannah Arendt entrevistada numa emissora de televisão por um jornalista intelectual, ele lhe dirige a pergunta fatal: “Como a senhora se sente atuando no campo da filosofia onde somente homens atuam?”

Hannah Arendt, de maneira muito gentil e bem humorada, elogiou a pergunta, consentiu que homens dominavam a filosofia e resumiu dizendo: “Estudei filosofia. Tenho, entretanto, que protestar, não pertencço ao círculo dos filósofos... sou uma socióloga política!” O entrevistador, nada convencido, arrematou: “Pois, para mim, a senhora é uma filósofa, veja seu livro: *A Condição Humana*”.

(<http://hannaharendt.wordpress.com/video-%c2%bfque-queda-queda-la-lengua-materna>)



Ela devia ter toda consciência de que, mulheres adentrarem-se no campo disputado pela hegemonia masculina, era um ato de insurgência. Tanto o jornalista como a filósofa da liberdade, não deixaram oculta a tese de que a filosofia tem sido, reiteradamente, um território interdito às mulheres.

É lógico que há, neste caso, no sentido vulgar uma “guerra de sexos” e de gênero, produzida na/pela filosofia. A existência de uma luta desta natureza mostra os pés de barro da filosofia, sua fragilidade como racionalidade, seus pretensos critérios científicos de verdade; e, sobretudo, sua condição frágil de formuladora de um pensar isento de ideologias, rigoroso e crítico.

⁹ Em um raro seminário, ocorrido no Rio Grande do Sul, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em sobre o tema: *Onde estão os textos das mulheres filósofas?* há textos extraordinários de contribuição sobre este tema de TIBUNI, CARVALHO, MENEZES, WEGLERT, AMOROS, 2001.

Quem é a mulher da Filosofia Moderna?

Será que existem teorias que circulam na filosofia carregadas de preconceitos contra as mulheres que justifiquem a desautorização prévia delas para o campo da filosofia?

Parece que sim. Vejamos Rousseau, o filósofo

educador, em um dos seus raros textos menos felizes. Cuidado, porém, não atribua a Rousseau, como pessoa e como filósofo, a autoria do preconceito. Nele, fala a cultura moderna e iluminista, de seu tempo, que continua cobrindo o rosto no nosso tempo.

“Toda a educação das mulheres deve ter o homem como ponto de referência. Agradar-lhes, ser-lhes gentil, fazer-se honrada por eles, e educá-los quando pequenos, cuidar deles quando cansados, procurando tornar-lhes a vida agradável e quando crescidos, aconselhá-los.”

(J.J. Rousseau)

Chocante...

Vamos considerar, contudo, que haja um “equívoco” na argumentação que uso, atribuindo essa ideologia preconceituosa ao iluminismo, e não a Rousseau, enquanto indivíduo. Rousseau, de certa forma, era um filósofo secundário, e, inclusive, veementemente rejeitado pelos principais representantes iluministas, entre eles, Voltaire. Voltaire após ler *O Emílio* de Rousseau escreveu com sarcasmo uma carta dizendo-lhe que após a leitura de seu livro sentia “vontade de andar de quatro patas...” Desejo de abandonar a civilização e voltar à selvageria! Rousseau – romântico incurável! - acabara de tocar no nervo doído do movimento racionalista; agredira o pretendido progresso da racionalidade entendida como a única via de nos livrar da animalidade.

A ilustração, entretanto, era um movimento para

homens, ligado inclusive às sociedades secretas, onde mulheres ficavam às suas portas. Aliás, até hoje, salvo extraordinárias exceções, cabe a condição de primeiras-damas pela índole gregária, social e solidária das mulheres, ficarem à sombra dos seus varões iluminados que conduzem o governo. A entrada das mulheres na política é concebida como a renúncia de sua condição feminina. Exatamente o argumento do jornalista à Hannah Arendt!

Mas... Vejamos, se em **Kant**, principal autor do Movimento das Luzes, o tom e o teor é diverso do discurso filosófico de Rousseau passemos, então, o palco e as luzes, para **Immanuel Kant**, o filósofo que cria e assina o *Manifesto do Iluminismo: O que é o Esclarecimento?* (*Aufklärung*).

Diz Kant:

“As mulheres evitam o mal, não porque o mal seja injusto, mas porque ele é feio. Não há nada nas mulheres que diga respeito ao dever, à necessidade ou à responsabilidade. A mulher é refratária a qualquer tipo de comando e a todo tipo de coação. Só realizam uma ação quando esta lhes pareça agradável(...) no lugar de seguir princípios (leia-se: princípios racionais!).”



E Kant continua a desenvolver em seus textos, a tese central do iluminismo, retomada com idêntico teor nas obras de **Fichte e Hegel**, de que a mulher é o belo

sexo, tolo, e sem princípios racionais que estabeleçam a diferença entre a natureza e a cultura, entre a animalidade e o “fazimento” do progresso da racionalidade:

“Eu custo a acreditar – continua Kant - que o belo sexo seja capaz de princípios (...) Mas, no lugar de princípios, a Providência colocou no coração feminino sentimentos desprovidos de violência, um sentido refinado de decência e uma alma agradável.”

Há clara afirmação da subalternidade e inferioridade nada menos do que ontológica. Isto é, radicalmente de origem, e nascença, por criação de Deus, no ser da mulher. O que lhe daria uma incapacidade de esgrimir com lógica e racionalidade. Portanto, a mulher é considerada, pelo iluminismo, ser humano incompleto, uma humanidade parcial e de segunda classe!

Não é à toa que Simone de Beauvoir, filósofa existencialista, companheira de Jean Paul Sartre, rebelara-se quando escrevera O **Segundo** Sexo! A invisibilidade da

mulher aparecia, inclusive, – numa leitura vulgar da psicanálise de Freud - como um homem sem pênis, sem o poder conferido pelo falo.

Lembro... ter ouvido de um membro do judiciário, ilustre professor de Direito – assassinado no Mato Grosso – durante uma conferência em um Seminário na OAB a denúncia de que, às mulheres, durante muito tempo, cuja tradição ainda continuava, estivera vetada a condição de exercerem a função de juízas. Justificava-se que, durante o período de menstruação, gravidez, menopausa, estavam alteradas na sua objetividade, impedido-as de poder formular um juízo racional, com isenção!

Lembro... que a cultura da modernidade – de onde nasce o direito positivado constitucional republicano - põe a mulher imersa nos mecanicismos hormonais, biológicos, animais, retirando-lhe a soberania como ser pensante e a condição de emancipação de liberdade – a qual fica passa a ser atributo próprio dos homens.

Contemporaneamente, os estudos, pesquisas da academia se recusam a assumir uma linguagem de gênero, inclusive em textos escritos por mulheres. Considera-se isenção e justo usar uma linguagem pretensamente exata e rigorosa, cientificamente, que atribui as grandezas

ontológicas do SER, ao “ser do homem”! Subscrive-se na prática a pior das ideologias políticas das teses iluministas aquela da presumível subserviência, inferioridade e, conseqüentemente, de discurso incompetente da mulher no campo da filosofia e da racionalidade.

Expor a nu a linguagem acadêmica causa menos desconforto e mal estar à “ciência” e ao “rigor filosófico”.

Esquece-se que nenhuma linguagem é neutra: é intencionalmente simbólica! Nenhuma linguagem expressiva deixa de ser um artefacto cultural, e espelha o espírito da mentalidade da ideologia moderna, também na filosofia. Fala-se, assim, de “HOMEM” quando se fala do SER! É lógico, que se funda nos mecanismos reprodutores da cultura erudita e científica, subsumir as

mulheres sob consentida “universalidade” que dá conta de tudo – conceito de HOMO! (homem)

Será, contudo, que essa ideologia não é por sua vez justificável, uma vez que possui uma naturalidade no cientificismo, não criticado por nenhum intelectual, de que estaria promovendo a desigualdade política? Será que este conceito é coerente e rigoroso com pensar certo, que a filosofia pretende propor?

Ouçamos Paulo Freire:

Faz parte igualmente do pensar certo (pretensão da filosofia!) a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz

isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia (Óbvio recado à cultura americana do norte!). Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez. (...) A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém. A falta de humildade, expressa na arrogância e na falsa superioridade de uma pessoa sobre a outra, de uma raça sobre a outra, de um gênero sobre o outro, de uma classe ou de uma cultura sobre a outra, é uma transgressão da vocação humana do ser mais.

(FREIRE, 1996, *Pedagogia da Autonomia* - p.17 e 46).

**Temos, nada menos do que Paulo Freire,
como parceiro que denuncia a perversão desta desigualdade!
Como proclamar, afinal de contas,
os sonhos iluministas de liberdade,
fraternidade e igualdade
com a invisibilidade das mulheres
na filosofia ocidental?**

Como assumir uma linguagem da pretensa universalidade do Ser Homem, na filosofia, sem a má consciência de que sucumbimos numa trama perversa da ideologia da reprodução da hegemonia do macho

ocidental, branco, cristão, totalitário? Que ética derivará desta filosofia? Que educação? Que tipo, então, de rigor se pretende na linguagem acadêmica e filosófica?

“Falar de Filosofia desenvolvendo problemas das mulheres e gênero, é voltar à pré-crítica da metafísica, tempos onde a filosofia podia falar metafisicamente de coisas que não existiam, apenas a face de um tanto outro que se esconde (...) No século XIX as mulheres aprenderam que o corpo é inimigo da alma. E, sugere Bourdieu, que o corpo oculto, tira as formas, curvas e contornos, é tirado os cabelos ou os raspa, por martírio do corpo real. O corpo torna-se objeto para a ciência, visto como doente, a gravidez, a maternidade, a puberdade, a menstruação, a menopausa.”

(Menezes, 2001).

Hannah Arendt não está só!

Há um crescente número de mulheres que como ela disputam, como pensadoras, um projeto diferenciado para a condição humana. E, não são as filósofas de estudo e profissão, são todas as mulheres que buscam transformar o mundo.

Recentemente num evento de uma sociedade científica, em S. Paulo, os homens filósofos, pensadores autorizados e reconhecidos nela, estavam à mesa, e, tímidos diziam: “Estou há dez anos às portas da filosofia!” Um após outro, radicalizava: “Estou há vinte anos nas portas da filosofia!” Uma das pesquisadoras “não-filósofa” pediu a palavra e provocou:

- “Nós que há muitos anos estamos pensando, refletindo sobre a realidade, interferindo, gerando transformações no nosso meio, isso nada tem a ver com filosofia?”

A resposta foi o riso mudo e perplexo dos filósofos

Em Arendt, como em outras mulheres e homens, se tem arquitetado um projeto humano fundado numa epistemologia, para a construção de uma sociedade política, cujas bases da racionalidade é outra que difere daquela que tem sido servido como prato principal à mesa da Filosofia.

Cabe às mulheres, sobretudo, envolverem-se com um projeto anti-hegemônico contra o machismo inveterado da modernidade, que adotou como referência econômico-política, no ocidente, a cultura patriarcal, colonizadora e homogeneizadora da branquidade, do ponto de vista material e simbólico. Se trata, das mulheres disputarem como pensadoras um projeto humano,

que as situem como pessoas racionais, de sexualidade, gênero, intuição, liberdade, arte e manha que tracem um destino novo ao mundo.

Não é que não existissem mulheres na filosofia, sempre as houve, mas foram invisibilizadas pelo irracionalismo macho, de plantão. Curiosamente, o caminho trilhado por Arendt foi na história da filosofia compartilhado de formas muito diferentes por outras mulheres; muito antes e depois dela, por sofrerem na própria carne a perseguição política e a exclusão, quando reivindicavam sua condição de parceiras políticas na parição de um novo mundo também racional.

As mulheres filósofas nunca fizeram a mesma

filosofia. Romperam os limites das “grandes narrativas¹⁰”, diminuíram as fronteiras entre as teorias generalistas; concorreram para abrandar as divisões dos muros; escolheram, de modo geral, o mundo do cotidiano, da vivência; alinharam-se às filosofias humanistas, às filosofias da existência, a uma versão marxiana dialético-histórica do marxismo ou da fenomenologia.

Hannah Arendt soma-se a Rosa de Luxemburgo, Edith Stein, Simone Weil, Maria Zambrano, Agnes Heller, Simone de Beauvoir, Olga Benário, Pagu, Clarice Lispector, Chauí, que afrontam a hegemonia de um único ser sexuado universalmente,

“o” homem, denunciando a pérfida hegemonia política e sexual masculina.

Alteraram a epistemologia denunciando o terror do totalitarismo (Arendt e Stein), o desenraizamento dos oprimidos (Weil), a negação dos sonhos da adolescente judia, privadas da luz e condenada pelo totalitarismo nazista (Anne Frank); pela incapacidade do sistema de universalizar a autonomia política e cultural; por ser negado à fala feminina, a competência (Chauí) para tornar-se dirigente política e aliada dos processos revolucionários (Rosa de Luxemburgo, Olga, Pagu).

As mulheres romperam com o silêncio; levaram de roldão todo artificialismo, formalidade inútil de uma lógica não dialógica, e não só reclamam direitos e perdas, como têm proposto transformações nas esferas mais íntimas do humano: no conviver, no ler, no estudar, no pesquisar, no escrever, no poder, na relação com o ter. Têm-se definido pelo engajamento corporal, ético, estético e político.

Sequer, perderam, sua vida pessoal e de mulheres: resistem à masculinização do poder. Recriam novas formas de poder político aliado à ética, à inteligência criativa e insubordinada, pensamento referenciado à ternura e à fecundidade. Alteram na filosofia a cultura

machista, de branquidade e de dominação, os sistemas explicativos e interpretativos, introduzem para além do pensar, uma nova relação com o mundo, com os outros, recriando o ser mulher como intelectual, militante, companheira e, eventualmente, mãe.

¹⁰ Sistemas filosóficos que queriam dar conta de tudo e de toda a realidade a partir de um ponto de vista

QUESTÕES PARA O DEBATE

“(…) que me desculpem os homens, mas só nós mulheres temos o poder e o prazer de sentir esse amor maternal, essa miscelânea de hormônios e sentimentos. É um momento muito importante de crescimento e auto-conhecimento. À medida que os meses vão passando, sinto as mudanças tanto físicas, quanto emocionais, são sentimentos que descubro dentro de mim, que não sei onde estavam, mas sei que são para toda a vida. São também novas preocupações, ansiedades, medos, felicidade” (Depoimento Fabiana M. Guitti - Junho de 2008)

1

Comente:

Há um outro mundo no mundo, quando no corpo de uma mulher se desenvolve um outro ser humano, quase indistinto, alterando suas percepções, experiências, sentimento e desejos, configurando a percepção e o conhecimento da realidade de mundo de modo muito particular e diverso.

2

Refleta em Grupo:

É possível que o mundo percebido pelo corpo de uma mulher articule a mesma filosofia dos homens, privados desta experiência?

CONCLUSÃO

Afinal, para que filosofia ?

Pode a filosofia ajudar para os educadores e para a educação ?

Ela pode ensinar que nenhum conhecimento é absoluto. Pois a filosofia é conhecimento humano, e o conhecimento tem a ambigüidade de sua fonte: a condição humana.

Ela pode, sim, ensinar a relativizar todas as vezes que as pessoas em nome da verdade ou da filosofia se revestem ou reivindicam poderem estar de posse de uma verdade absoluta ou incontestável.

Certa ocasião, numa certa ilha, assisti um episódio no qual um bispo adotou uma medida que estava em contra-senso com o povo em geral e com todos os padres. Solicitaram a um padre idoso que tinha enorme prestígio junto ao povo e junto ao referido hierarca que procurasse dissuadí-lo. De argumentação mansa até ácidos confrontos, temperatura em ascensão, o bispo perdeu a paciência: bateu na mesa com o punho e disse: “Está decidido como já decidi! Quero ainda lhe lembrar que sou eu quem tem o Espírito Santo!”

A que, o ancião, com a paciência esgotada, bateu também do outro lado da mesa e disse: “E eu quero lhe lembrar que somos nós que temos juízo!”

Essa curiosa situação criou uma contradição: o Espírito Santo de um lado, e o juízo do outro. No popular, poderia ser resumir como: “Você sabe com quem está falando?” O campo de disputa vai do campo político, ao religioso e se estende de ordinário a

todos os campos de disputa de poder, inclusive sobre a(s) educação(ões). As questões das controvérsias estão menos para a filosofia do que para a política e a psicanálise, passando muitas vezes pela “vontade de poder”.

Assim: os provérbios se multiplicam:

“Os extremos se chocam

Os semelhantes amam os semelhantes

Dois bicudos não se beijam.

Quando um não quer, dois não brigam.”

Marx e Engels no *Manifesto* afirmaram:

“Tudo que é sólido se desmancha no ar!”

Boaventura Souza Santos brinca com o tema: “o marxismo também?”

Aristóteles e Santo Tomás disseram: “Não há nada que está no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos”.

Para que Spinoza brincasse: “Salvo, é claro, o próprio intelecto!”

O relativismo afirmava: “Tudo é relativo”.

Os escolásticos perguntavam, ironicamente: “Essa afirmação também?”

Não há saída para a epistemologia humana. Ela será sempre expressa em linguagem. E, no pântano

da linguagem nenhum conhecimento sai ileso e de imaculada conceição. O pensamento e os seus pensares precisam pôr as barbas de molho, e admitirem que é o sujeito humano, com todos os seus limites, que está em questão, posto que ele está inserido em dimensões de espaço-temporalidades, em culturas múltiplas, em experiência de mundo singulares e pessoais, numa cultura civilizatória que é um artefato.

A(s) Filosofia(s) que produz são também artefactos culturais, à sua imagem e semelhança. Envolve em valores étnicos, em conhecimentos adquiridos numa experiência de um mundo partejado a partir de determinadas configurações e concepções. Há uma experiência de universalidade, sempre historicamente apresentada. E esta roupa que reveste a filosofia não é exterior a ela, faz parte da sua identidade.

Não há verdade senão expressa numa linguagem.

É bom ouvir Freire, que essa relatividade do nosso conhecimento não é ruim. Freire dizia:

“O bom da história é que ela não possui certezas no seu trajeto nem no ponto de chegada. Seria uma incoerência lutar por ética, por transformação e ao mesmo tempo, entender que o determinismo não permite que possamos dar um sentido pessoal na história. Lastimo, diz Freire, que as pessoas que desproblematizam o mundo e absolutizam o todopoderosismo do mercado e do sistema, optam pelo determinismo, porque perderam seu endereço na história.”

Na verdade se tudo, diz freire já está determinado, numa direção que dispense nossos esforços é inútil qualquer processo educacional que não seja

a adequação às regras impostas e em curso. Devo, pois educar para a simetria às formas estabelecidas pelo jogo.

**Curioso, para nós da CNTE é que nem o mercado, nem os países que exercem hegemonia acreditam com certeza de que não poderão vir a perder a guerra, e juntam arma a arma, controle a controle, inteligência à inteligência, espionagem à espionagem, eles mesmos tendo a plena consciência de que a história, no frigidar dos ovos, não tem ainda um resultado definido no “Placar”.
Que há muita criação e recriação no percurso, e que estamos apenas no comecinho do jogo.**

O conhecimento absoluto serve apenas para a dominação, para afirmar teses racistas, naturalismos, biologismos deterministas que procura tomar partido da ideologia que legitima a falsa superioridade racial e cultural do ocidente. O conhecimento absoluto é ingênuo e genocida. Rubem Alves disse com acuidade: “as certezas estão de mãos dadas com as fogueiras” (Alves)

Paulo Freire referindo-se num texto à defesa de

Frei Betto e Leonardo Boff, dizia que Deus seria incoerente se ao dar liberdade ao homem, o impedisse de usá-la. Argumento muito semelhante ao de Rousseau que dizia exatamente a mesma coisa, cuidado com o pensamento dos eclesiásticos, ouçam, mas duvidem... Deus não nos proíbe de pensar.

Paulo Freire, segundo Danilo Streck, vai mais longe, o limite do absoluto é sua criação. Se disserem que na história não podemos fazê-la, isso serve não a Deus, mas aqueles que o usam. (Streck)

**Disse na introdução deste trabalho
que Marx advertia que a gente joga a filosofia
pela porta e ela entra pela janela.**

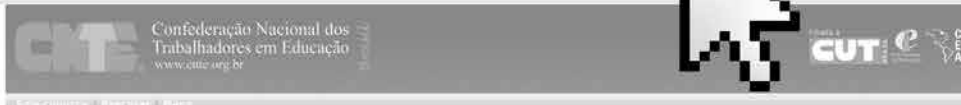
- ✓ **A filosofia é bela, pode se tornar mito e talismã mágico, que não é.**
- ✓ **A Filosofia pode ser poderosa, esse é seu risco.**
- ✓ **A filosofia é atraente, e pode nos seduzir.**
- ✓ **A filosofia é também um jogo, pode nos divertir.**
- ✓ **A filosofia é uma via, um caminho, pode nos ajudar a caminhar.**

**O sentido dela é, também, dado pelos seres humanos às coisas que os cercam.
Somos nós que decidimos seu significado.**

**Em todo o caso, neste mundo hoje impregnado de filosofias
– utilizando a analogia que Fernandez Buey utiliza com Russel,
- que usemos das filosofias, para que possamos nos salvar delas
e torná-las companheiras de caminhada
para nossa luta pessoal e coletiva em favor da Vida,
da Sabedoria, da emancipação e da autonomia.**

Luiz Augusto Passos

www.cnte.org.br



Home | Notícias | Boletim | Mapa

VOCÊ ESTÁ AQUI: Início

Início

Institucional

A CNTE

Estado

2008/2011

Sua cidade respeita a Lei do Piso?

A CNTE quer saber se o Piso Salarial Profissional Nacional do magistério é implementado na sua região. **Clique aqui e dê o seu relato.**

28 de Junho
Dois anos
de atraso
na Lei 53.738

Siga a CNTE no **twitter**

A Rádio pela Educação



em destaque esta semana

RECEBA O BOLETIM

Nome

E-mail

Receber em HTML

Conduzir

Weblogs das Afiliadas

Quadro de Greve

Um pelas Escolas

Notícias

Webmail CNTE

Notícias

Videos

A voz da Educação

Clipping

Educação

CNTE

Campanhas

- 11ª Semana Educação
- Greve pelo Piso 16/03/10
- O piso é lei
- Mobilização pelo Piso
- Conferências Estaduais
- Fala Educador(a)
- 10ª Semana Educação
- 9ª Semana Educação
- Constituinte Regra
- 10ª e 11ª Edição

Acesse o site da CNTE e fique por dentro de tudo o que acontece na **educação pública no Brasil.**



Canal de vídeos no YouTube



Notícias rápidas no Twitter



Programa de rádio A Voz da Educação



Matérias especiais no CNTE TV



Notícias atualizadas no CNTE Infoma



GLOSSÁRIO

⇒ APRESENTAÇÃO

Gullags: Campos de concentração ou de extermínio.

Vagidos primais: primeiros gritos e choro um recém nascido.

Autopoiése: capacidade humana de produzir a si mesmo.

Historiadora: Paulo Freire diz que a vida humana não é apenas histórica, ou seja, se situa numa historia, mas sobretudo é historiadora - faz a historia onde estiver. Não deixa nada como está.

⇒ TEMA 1

Filosofia: é a casa dos homens e mulheres regularem sua ação transformadora com o mundo: ponto de chegada e ponto de partida para recriar humanidades solidárias e engajadas na libertação de todos e todas.

Nilista: descrê de tudo; não vê sentido algum como perspectiva; aposta no não-sentido.

Pessimismo quanto a qualquer perspectiva positiva.

Axiologia: estudo acerca dos valores na pessoa humana e em suas relações.

Praxiologia: estudo a cerca do pensamento e ações que movem a atividade humana com outros/as no mundo.

Hegemonia: domínio de uma proposta, uma idéia, uma cultura ou pessoa, instituição de grupo sobre outras concorrentes.

Mesmidade: circular em vão e voltar ao mesmo. Popularmente: “trocar seis por meia dúzia”, sem avançar.

⇒ TEMA 02

Alegoria: uma parábola cuja história ou comparação enriquece a significação.

Xenofobia: Aversão, rejeição, perseguição ou destruição simbólica ou física de pessoas estrangeiras.

Gonzos: Pontos fixos que funcionam como articulação de portas, portões, ou como dobradiças permitindo o apoio e a rotação.

Lago de Lete: Lago imaginário que na obra de Platão é lugar de passagem entre o mundo do espírito ou das idéias e a entrada na materialidade encarnada. Lete significa esquecimento, lavagem nas águas do lago, afogam as lembranças do que contemplamos no mundo das idéias.

Paidéia: Sistema educacional grego que nasce no século IX A .C., partindo da noção de incompletude humana e a possibilidade de ajudar a construir as pessoas em diálogo com a cultura do passado, necessidades do presente e projetos para o futuro.

Paidêntica: Uma inspiração educacional na Paidéia dos séculos primeiros (IX E VIII A.C.).

Objeto Empírico: Objeto que se possa tocar, pegar, experimentar.

Imagem Virtual: A imagem aparente, inexistente de fato, que funciona com representação de um objeto empírico, cuja realidade vão estar ali.

Reminiscência: Exercício de contemplação que permite aos filósofos, segundo Platão, voltarem no tempo, e na vida pregressa, recuperando a memória que fora “lavada”, nas águas do lago lete (Lete = esquecimento). Trata-se de uma dia-letsia: desocultar, relembrar as essências reais contempladas no mundo das idéias.

Magmática: Realidade extensa material do mundo que aprisiona as almas e as essências eternas, dando-lhes um corpo corruptível, passageiro, mortal e aprisionando-as no mundo.

➤ TEMA 03

Cético: descrente, desiludido, sem esperança. Originalmente aquele que observa muito e desconfia que se possa afirmar qualquer coisa.

Irônico: Aquele que se faz ignorante e afirma o contrário do que diria.

Cínicos: Do termo Kunós do grego: “cão”. Referia-se aos filósofos, como Sócrates, que não se adequavam às leis e costumes porque os julgava em desacordo com a natureza, agindo por isso, contra as convenções e as leis.

➤ TEMA 4

Distopia: Lugares em que as utopias, esperanças e sonhos funcionam às avessas, como no emblemático livro de George Orwell: 1984 ou do mesmo Orwell: *A Revolução dos Bichos*.

Estoicismo: Corrente filosófica que implica em impedir todo o sofrimento, aceitando os desequilíbrios da realidade como inevitáveis. Considera a ação de mudar a realidade como inadequação, pois produz anseio. Há uma ordem moral, física e lógica no universo: sabedoria e grande é conformar-se com ela.

Futurível: Palavra criada na idade média que aponta para “futuro possível” e que Paulo Freire chamou de “inédito-viável”.

➤ TEMA 5

Conhecimento: a filosofia pergunta sobre a origem de conhecimento, o que de fato conhecemos, e quando nosso conhecimento é válido.

Vontade: filósofos como Shopenhawer, Nietzsche puseram a vontade no centro da filosofia. Todo conhecimento ou ação tinha como motor a vontade.

Liberdade: a liberdade não é um dom da natureza. É uma dura conquista dos humanos pela cultura, quebrando sua condição de animalidade, de determinação biológica.

➤ TEMA 6

Transcendência: capacidade humana de ultrapassar os limites de sua condição biológica e de natureza e experimentar certa condição de tempo e do espaço. A cultura e uma construção de ultrapassagem da fria condição de animalidade. A transcendência é experimentar das necessidades impaiosa de alargar limites.

Heráclito de Éfeso: (480 AC) um princípio vivo, o Logos, dirige o pulsar do universo, em forma de um fluxo num vir-a-ser constante.

Parmênides de Eléia: (515 AC) o Ser do universo é a Constância, a imutabilidade e a perfeição.

Holocausto: massacre e genocídio pelos nazistas, realizado como “sacrifício sagrado” de judeus e negros, como “solução final” que unificou grande parte da Europa.

➤ TEMA 7

Fetichismo: objetos que adquirem alma e se autodeterminam como se enfeitados.

Materialismo: filosofia que afirma a primasia da materialidade do mundo, do sensorial, do cargo e da economia sobre o pensamento humano.

Idealismo: filosofia que firma a primasia dos pensares, das ideologias e do espírito na determinação do mundo e da ordem econômica e política.

Reificação: processo de transformar pessoas em coisas, e de justificar a desigualdade, a

➤ TEMA 8

Alteridade: o *alter*, o outro: o que não é nosso ou pessoal na sua origem.

Imanência: capacidade humana de reconhecer-se ancorado na terra, saído chão, dependente das condições para manter sua vida biológica e relacional.

Ontologia: estudo acerca da origem e o que faz o Ser, ser, existir.

➤ TEMA 9

Subjetividade: consciência da atividade que somos no mundo da palavra e do trabalho.

➤ TEMA 10

Narcisista: de Narciso (grego) que mirando-se na imagem espelhada de si, nas águas, buscou-se nelas, afogando-se. Narcisismo, em Freud, busca pessoas e coisas enciumadamente como se fossem partes de si mesmo.

➤ TEMA 11

Lago de Manso: Próximo a Cuiabá-MT foi construída uma hidroelétrica em forma de taipa, com material alternativo, formando imenso lago por sobre área imemorial de sesmarias e antigos territórios indígenas. Hoje serve a um pseudo-ecoturismo acessível aos turistas internacionais. Estes dados estão consignados em pesquisas científicas pelo programa de Pós-graduação em Educação da UFMT.

Complexidade: ponto no qual se entrecruzam muitas direções ou significados, também chamado de multidimensionalidade ou multireferencialidade.

Silogismo: forma de organizar o pensamento com rigor em bases nem sempre verdadeiras.

Relativismo: pôr dúvida em toda e qualquer verdade ou afirmação.

Discrepante: pensamentos em conflito, em discordância.

Ambigüidade: aquilo que confunde ou tem sentidos opostos ou sentido duplo. (Página 79)

➤ TEMA 12

Branquidade: Ideologia que cria e sustenta o mito da “raça branca” desqualificando todas as outras expressões. Peter Maclaren, faz parte do movimento abolicionista do século XXI, e convoca a que os brancos renunciem a branquidade, arma ideológica e cultural de estabelecer a hegemonia e todas as formas de racismo e discriminação.

Escolástica: Filosofia cristã medieval baseada em Aristóteles cuja acabamento é dado por santo Tomás de Aquino (1225 – 1274). Elaborou a Teologia escolástica da Igreja Romana.

BIOGRAFIAS

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831): filósofo idealista, romântico, que busca um sistema incluinte de todas as questões humanas, numa perspectiva de um desenvolvimento em direção à liberdade. O grande legado da filosofia de Hegel foi a lógica dialética marxista.

MARX, Karl (1818-1883): filósofo materialista que dialoga com os economistas clássicos, com os empiristas ingleses (Hume (1771-1776) e Locke (1632-1704) gerando uma crítica política da sociedade capitalista que inspirará o movimento internacional operário a assumir o protagonismo revolucionário que lhe cabe na transformação social.

BOAVENTURA SOUZA SANTOS: sociólogo político português que tem considerado as questões dos direitos humanos e as culturas de grupos excluídos pelo eurocentrismo e pela política neoliberal propondo uma globalização anti-hegemônica dos países e culturas periféricas na redefinição da humanidade.

ARISTÓTELES: filósofo grego do século III (384-322 AC) que avança em categorias que permitam compreender a mudança, o movimento da mente, a política e a ética. Investiga ainda conceitos classificatórios dos fenômenos materiais e físicos. Fornece a base para o pensamento da filosofia dominante: o realismo e a escolástica. Criou a lógica e a academia.



Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso

Reitor

Paulo Speller

Vice-Reitor

Elias Alves de Andrade

Pró-Reitora Administrativa

Adriana Rigon Weska

Pró-Reitora de Planejamento

Tereza Cristina Cardoso de Souza Higa

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Matilde Araki Crudo

Pró-Reitora de Ensino de Pós-Graduação

Marinêz Isaac Marques

Pró-Reitor de Pesquisa

Paulo Teixeira de Sousa Júnior

Pró-Reitora de Vivência Acadêmica e Social

Marilda Esteves Calháo Matsubara



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso

Av. Fernando Corrêa da Costa, s/nº.

Fone: (65) 3615 8322 – fax: (65) 3615 8325

Coxipó da Ponte – CEP: 78.060-900 – Cuiabá, MT

edufmt@cpd.ufmt.br

CONSELHO EDITORIAL DA EdUFMT (2007-2009)

Profª Drª Elizabeth Madureira Siqueira (Presidente)

Drª Alice G. Bottaro de Oliveira
Drª. Anna Maria R. F. M. da Costa (Comunidade)
Dr. Antonio Carlos Maximo
Drª Cássia Virgínia Coelho de Souza
Drª Célia M. Domingues da Rocha Reis
Ms. Gabriel Francisco de Mattos
Dr. Geraldo Lúcio Diniz
Drª Jacqueline Fernandes de Cintra Santos
Dr. Joaquim Eduardo de Moura Nicácio
Drª Leny Caselli Anzai
Drª Maria da Anunciação Pinheiro B. Neta

Drª Maria Inês Pagliarini Cox
Drª Mariza Inês da Silva Pinheiro
Ms. Nileide Souza Dourado (Técnica)
Drª Onélia Carmem Rosseto
Dr. Paulo Augusto Mário Isaac
Drª Sandra Cristina Moura Bonjour
Drª Suíse Monteiro Leon Bordest (Comunidade)
Drª Telma Cenira Couto da Silva
Terêncio Francisco de Oliveira (Técnico)
Lauro Virgínio de Souza Portela (Acadêmico)
Geniana dos Santos (Acadêmica)

Projeto Gráfico

Esta publicação foi elaborada em 21 x 27,5 cm, com mancha gráfica de 18 x 23,5 cm, fonte ITC Oficina Serif 11 pt, papel offset 90g, P&B, impressão offset, encadernação grampeado.

Edição Impressa

Tiragem: 1.000 exemplares
Supernova Soluções Gráficas e Editora
Julho de 2014



Programa de Formação da CNTE

Um novo conceito de atuação sindical

Eixo 2
Formação de Dirigentes Sindicais

Realização:

CNTE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação *Brasil*
www.cnte.org.br

Filiada à
CUT
BRASIL

i
Internacional
da Educação

CEA

ESFORCE
ESCOLA DE FORMAÇÃO DA CNTE

Apoio:



Lärarförbundet
SINDICATO DE EDUCADORES DA SUÉCIA